

Jim Constâncio Pinto

Análise Histórica e Plano Diretor de Restauro da Quinta do Palácio de Estoi, Faro



Dissertação para obtenção de grau de Mestre em **Arquitetura**
Paisagista

Orientador:

Professora Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja



Faro, 2020

Universidade do Algarve
Faculdade de Ciências e Tecnologia

Análise Histórica e Plano Diretor de Restauro da Quinta do Palácio de Estoi, Faro

Jim Constâncio Pinto

Dissertação para obtenção de grau de Mestre em **Arquitetura Paisagista**

Orientador: Professora Doutora Sónia Maria Loução Martins Talhé Azambuja



Faro, 2020

Análise Histórica e Plano Diretor de Restauro da Quinta do Palácio de Estoi, Faro

DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO

“Declaro ser a autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referência incluída.”

Jim Constâncio Pinto©

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

Dedicatória

A minha Família

Agradecimentos

À Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja pela orientação da presente dissertação.

Agradecimento ao Arquiteto Paisagista João Ceregeiro pelo envio das bases digitais pertencentes caso de estudo desta dissertação e também a disponibilidade em agendar um encontro na sede da Associação dos arquitetos Paisagistas, em conjunto com a Professora Doutora Sónia Talhé Azambuja para conversar sobre o projeto desenvolvido e as diferentes fases pertencente ao processo de projeto.

Á minha família, aos meus pais e irmão, por todo o apoio ao longo deste percurso.

Resumo

O caso de estudo desta dissertação é a quinta histórica do Palácio de Estoi, construída por volta do ano de 1787, constituindo-se inicialmente para ser a residência principal do Coronel Francisco Carvalho e Vasconcelos e de sua família. O Coronel Carvalho e Vasconcelos, era também dono de diversas propriedades na aldeia de Estoi, sendo que decidiu ordenar neste local a construção desta obra. Para tal, encomendou o projeto ao arquiteto Manuel Caetano de Sousa (?), um dos autores no projeto dos jardins do Palácio Nacional de Queluz e também o Jardim Botânico da Ajuda em Lisboa.

O Palácio e Quinta de Estoi foram construídos numa área composta por diversas propriedades agrícolas de elevada dimensão, local conhecido anteriormente como “fazenda de Estoi”. A família Carvalho e Vasconcelos de forma a concretizar a obra de grandiosa dimensão procedeu também à compra de outras propriedades localizadas na área envolvente. A construção deste espaço transformou a paisagem da aldeia de Estoi e passou a ser o local de residência oficial desta família durante várias gerações. Após a extinção do último membro da família Carvalho e Vasconcelos em 1875, o Palácio e Quinta de Estoi estiveram durante um longo período abandonado, situação que provocou um elevado estado de degradação no local. Em 1893 José Francisco da Silva, burguês natural de Estoi, residente em Beja, compra o imóvel em hasta pública. No ano de compra, inicia-se as obras de restauro, sendo contratado para a realizar a obra o arquiteto e decorador Domingos António da Silva Meira.

O Palácio e Quinta de Estoi após desaparecimento de José Francisco da Silva é posteriormente comprado por parte da Câmara Municipal de Faro, que realiza as obras necessárias para a recuperação deste local histórico. Mais recentemente foi alvo de nova intervenção, de características contemporâneas, através de um projeto de arquitetura, de adaptação e ampliação para à função de Pousada.

A presente dissertação é composta por uma análise histórica e biofísica sobre a área de intervenção. Este trabalho concretiza-se através da proposta de um Plano Diretor de Restauro com o objetivo de intervir sobre este local histórico, de acordo com os princípios e normas de intervenção em jardins históricos.

Palavras-chave: Faro, Palácio e Quinta de Estoi, Jardins Históricos, Património Cultural.

Abstract

The case of study of this work is about historic farm from the Palace of Estoi, that was built by around 1787, was a residence of the Coronel Francisco de Brito Carvalhal e Vasconcelos, that was at the time Marshall of field, and owner of a lot of properties in the Village of Estoi, he ordered the building of the palace in the first place, designed by the architect Manuel Caetano de Sousa, one of the authors in the design of the gardens of National Palace of Queluz and also the Botanical Garden of Ajuda in Lisbon.

The Palace and Quinta de Estoi were built in an area composed of several large agricultural properties, a place formerly known as “Estoi farm”. The Carvalhal and Vasconcelos family in order to carry out the work of great size also proceeded to purchase other properties located in the surrounding area. The construction of this space transformed the landscape of the village of Estoi and became the official residence of this family for several generations. After the extinction of the last member of the Carvalhal and Vasconcelos family in 1875, the Palácio and Quinta de Estoi were for a long period abandoned, a situation that caused a high state of degradation in the place. In 1893 José Francisco da Silva, a bourgeois from Estoi, resident in Beja, bought the property by public auction. In the year of purchase, restoration work begins, with architect and decorator Domingos António da Silva Meira being contracted to carry out the work.

The Palace and Quinta de Estoi after the disappearance of José Francisco da Silva is subsequently purchased by the Faro City Council, which carries out the necessary works for the restoration of this historic site. More recently it has been the target of a new intervention, with contemporary characteristics, through an architectural project, adaptation and expansion for the function of Pousada.

This case of study presents a a historical and biophysical analysis of the area of intervention. This work is achieved through the proposal of a Master Plan for Restoration with the objective of intervening on this historic site, in accordance with the principles and rules of intervention in historic gardens.

Keywords:

Faro, Palácio e Quinta de Estoi, Historical gardens, Estoi, Heritage

Extended Abstract

The present master thesis consists in a analysis about the historic farm from the Palace of Estoi, located in Algarve, in the city of Faro, on the small village of Estoi, with the principal objective of present a Director Intervention Plan to restore this historical place.

The Palace and Quinta de Estoi were built in an area composed of several large agricultural properties, a place formerly known as “Estoi farm”. The Carvalhal and Vasconcelos family in order to carry out the work of great size also proceeded to purchase other properties located in the surrounding area. The construction of this space transformed the landscape of the village of Estoi and became the official residence of this family for several generations. After the extinction of the last member of the Carvalhal and Vasconcelos family in 1875, the Palácio and Quinta de Estoi were for a long period abandoned, a situation that caused a high state of degradation in the place. In 1893 José Francisco da Silva, a bourgeois from Estoi, resident in Beja, bought the property by public auction. In the year of purchase, restoration work begins, with architect and decorator Domingos António da Silva Meira being contracted to carry out the work.

The Palace and farm was constructed in a place that was called “fazenda de Estoi” and this place was the home for the family Carvalhal e Vasconcelos during long periods of the history. As the extinction of the last member of the family the palace and the farm started to deteriorate after been abandoned for very years, was the fact that the last will from the property was not accomplished by opposition of the court at the time, and passed to the property of a new owner Teófilo Gennez Pereira.

After a long period of the time the Palace and the farm still remained in degradation as th Palace was not the first place from the owner until.

After the extinction of the last member of the family in 1875, the Palace and Quinta de Estoi was abandoned for a long period, which caused a high state of degradation in the place. The will expressed in the will was not fulfilled because it was dependent on the Lisbon orphanage court, being in charge of the administration of the first executor, former Mr. Joaquim Teófilo Gennez Pereira.

In the year of purchase in 1893, the restoration works began, with the architect and decorator Domingos António da Silva Meira being contracted to carry out the work. On January

4, 1906, King D. Carlos I awarded José Francisco da Silva the title of Viscount of Estoi for the good services rendered to the King and the people of Estoi.

After the death of José Francisco da Silva in 1926, aged about eighty-six years, single, the property of the palace and farm of Estoi remained for the heirs D. Ana Zeferino, his cousin and godson, married to Mr. José de Brito e Melo. The Palace is later inherited by D. Maria do Carmo Melo Assis Machado, married to Mr. António Duarte Assis Machado, the only daughter of D. Ana Zeferino. The Palace, after enjoying the palace, would remain in the possession of his daughter D. Maria da Luz Melo Assis Machado, married to Mr. António Bicker Correia da Costa, and would remain in the possession of this family until 1987. This Palace was used by the family during holiday, in the late 50s and 70s.

The Palace and Quinta de Estoi, after a long process, was bought by the Municipality of Faro, which carried out various works necessary for the restoration of this historic site. The case study also had several interventions throughout its history, according to the stylistic currents in the period of its different owners, being the target more recently of a new intervention, of contemporary, modern characteristics, through an architectural project of adaptation extension to the Palace for the function of Historic.

This case of study presents a a historical and biophysical analysis of the area of intervention. This work is achieved through the proposal of a Master Plan for Restoration with the objective of intervening on this historic site, in accordance with the principles and rules of intervention in historic gardens.

Índice

0. Introdução	13
Objetivos do trabalho	13
Metodologia	14
1. Caracterização da Quinta	16
1.1 Enquadramento Histórico.....	16
1.2 Localização	26
1.3 Análise Biofísica	27
1.4 Enquadramento histórico e artístico.....	28
1.5 Os Proprietários	33
1.6 O arquiteto	49
2. Estudo da Quinta	52
2.1 Levantamento	52
2.1.1 Edificado – Palácio.....	52
2.1.2 Outros elementos.....	54
2.1.3 Estrutura Verde.....	55
2.1.4 Elementos Escultóricos e Decorativos.....	57
2.1.5 Equipamentos e Mobiliário.....	58
2.1.6 Pavimentos.....	59
2.1.7 Sistema Hidráulico.....	60
2.2 Análise de documentos antigos.....	63
3. Plano diretor de Restauro e Intervenção.....	66
3.1 Princípios de Intervenção e Metodologia.....	66
3.2 Diagnóstico e Análise SWOT	67
3.3 Proposta.....	70
Conclusões	73
Bibliografia	74
Anexos	77
Índices	80
Índice de Figuras	80

Abreviaturas e siglas

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo

AHMF – Arquivo Histórico Municipal de Faro

AJH – Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos

APAP – Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas

CCDR Algarve – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Algarve

DGEMN – Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

DGPC – Direção-Geral do Património Cultural

DGPU – Direção-Geral do Planeamento Urbanístico

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites

IEJP – Institut Européen des Jardins & Paysages

IFLA – International Federation of Landscape Architects

IGEO – Informação Geográfica

IPA – Inventário do Património Arquitetónico

IPCR – Instituto Português da Conservação e Restauro

IPPAR – Instituto Português do Património Arquitetónico

MRSH – Caen University Research Centre for Humanities and Social Sciences

PPMCN – Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

Lista de Peças Desenhadas

Peça 1 – Análise Biofísica – Hidrologia.....	Cap. 1.3
Peça 2 - Análise Biofísica – Hipsometria.....	Cap. 1.3
Peça 3 – Análise Biofísica – Declives.....	Cap. 1.3
Peça 4 – Análise Biofísica – Exposição de Encostas.....	Cap. 1.3
Peça 5 – Plano de Diagnóstico e análise SWOT.....	Cap. 3.2
Peça 6 – Levantamento Sistema Hidráulico.....	Cap. 2.1.7
Peça 7 – Levantamento Pavimentos e Elementos construídos.....	Cap. 2.1.6
Peça 8 – Levantamento Botânico existente.....	Cap. 2.1.3
Peça 9a – Sistema de Vistas	Cap. 3
Peça 9b – Sistema de Vistas.....	Cap. 3
Peça 10 – Plano Diretor de Restauro.....	Cap. 3.3
Peça 11 – Plano Diretor de Restauro – Percursos	Cap. 3.3
Peça 12 – Plano de Plantação Árvores e Arbustos.....	Cap. 3.3
Peça 13 – Plano de Plantação herbáceas e sementeiras.....	Cap. 3.3
Peça 14 – Cortes	Cap. 3.3

Introdução

A presente dissertação tem como objetivo, estudar a quinta histórica do Palácio de Estoi e elaborar o seu plano diretor de restauro. Este trabalho é desenvolvido através de uma análise histórica e biofísica sobre a área de intervenção, com o objetivo de restaurar e intervir sobre o espaço, de acordo com os princípios orientadores definidos para a intervenção sobre jardins históricos.

O Palácio e Quinta de Estoi caracteriza-se pelo edifício arquitetónico de elevada qualidade estética, pertencente ao período Barroco, inspirada a sua construção nas grandiosas obras de arquitetura barroca desenvolvidas durante este período, principalmente em França e Itália, mas também bastante influenciado por parte da construção do Palácio Nacional de Queluz em Portugal. A área de intervenção enquadra-se na tipologia de Quinta de Recreio, classificado como Imóvel de interesse Público¹, sendo o único exemplar deste tipo de arquitetura Barroca presente na região do Algarve.

A construção do Palácio e Quinta de Estoi foi ordenada por parte do seu primeiro proprietário, o Coronel Carvalhal e Vasconcelos, por volta de 1787, que encomendou o projeto ao arquiteto Manuel Caetano de Sousa. A estrutura deste espaço é composta pelo edifício do Palácio, jardins e quinta de recreio.

Através deste trabalho pretende-se aprofundar o conhecimento sobre este local histórico e único na Região do Algarve, com objetivo de valorizar e promover o conhecimento deste espaço para a população em geral. A dissertação de mestrado é elaborada com base no desenvolvimento de uma análise histórica e biofísica sobre a área de intervenção, que se concretiza através da proposta de um Plano Diretor de Restauro, que tem como objetivo intervir sobre este local histórico, de acordo com as cartas e convenções internacionais sobre património paisagístico do ICOMOS.²

Objetivos da Dissertação

Este trabalho tem como objetivos analisar a história da quinta do Palácio de Estoi, contribuindo para o conhecimento deste local para a população em geral e também

¹ Decreto n.º 129/77, DR, I Série, n.º 226, de 29-09-1977

² ICOMOS – **Internationals Charters for the Conservation and Restoration**. Paris: ICOMOS, s.d.

—
intervir sobre a área de intervenção através do desenvolvimento de um Plano Diretor de Restauro, de forma a intervir sobre este local histórico, de acordo com as cartas de Florença, Carta de Burra documento de Nara do ICOMOS, com objetivo de restaurar os seus valores e características originais deste espaço, integrando-se de forma harmoniosa com as necessidades contemporâneas.

Através da presente dissertação pretende-se também promover uma interligação entre as diferentes características desde local, arquitetónicas, valores ecológicos, de forma a projetar um espaço que preserve a sua história e adaptado às necessidades contemporâneas, integrado também numa perspetiva de Turismo de Monumentos Históricos a nível Nacional e Internacional.³

Metodologia

A presente dissertação foi elaborada com base na metodologia e documentos referente ao Restauro de Jardins Históricos, como o documento elaborado por parte da *National Trust of England.*, cartas e convenções internacionais sobre Património Paisagístico, onde se destaca a Carta de Florença, a Carta de Burra, documento de Nara, pertencente ao ICOMOS⁴ e também os fundamentos da Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal.⁵ O presente trabalho é composto por três capítulos, que estruturam a dissertação, e através da análise histórica e biofísica elaborar a proposta de um Plano Diretor de Restauro de forma a intervir sobre a área de intervenção.⁶

Capítulo I – Neste capítulo é elaborado o enquadramento histórico relativamente ao surgimento do Período Barroco na Europa e em Portugal. Esta fase do trabalho é composta também por uma análise sobre as principais características pertencentes ao período Barroco, como também a análise sobre o impacto e influência da construção do Palácio Nacional de Queluz em Portugal.

³ AÑON, Carmen – **El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación.** Madrid: Journal Scientifico ICOMOS, 1993.

⁴ ICOMOS – **Internationals Charters for the Conservation and Restoration.** Paris: ICOMOS, s.d.

⁵ ARAÚJO, Ilídio Alves de – Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1962.

⁶ AZAMBUJA, Sónia Talhé – “**Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins**”. Licenciatura em Arquitetura Paisagista da FCT/UA1g. Faro: s.n., 2008.

—

Capítulo II – Neste capítulo é desenvolvido a análise histórica sobre a Quinta do Palácio de Estoi, desde a construção inicial, proprietários, estrutura geral, características arquitetónicas, estrutura verde, elementos escultóricos e decorativos, sistema hidráulico, assim como é realizada a análise sobre os levantamentos históricos existentes, de forma a compreender a evolução deste espaço histórico até a atualidade. Neste capítulo é também elaborada a análise Biofísica sobre a área de intervenção, de forma a estudar as suas componentes naturais como geologia, geomorfologia, hidrologia, clima, solos, povoamento florestal, declives, hipsometria e orientação de encostas.

Capítulo III – Neste capítulo é elaborada a análise e interpretação sobre documentos históricos pertencentes à Quinta do Palácio de Estoi, desde o período do séc. XIX até ao séc. XXI, onde se procedeu também a análise fotográfica, para compreender e estudar as alterações realizadas sobre a estrutura original deste espaço.

Neste capítulo é elaborado também a fase de análise e diagnóstico SWOT sobre a área de intervenção, de forma a compreender as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades existentes, elementos fundamentais para realizar o desenvolvimento do Plano Diretor de Restauro, complementado por um conjunto de estratégias de intervenção e objetivos definidos para o local, que constituem a proposta apresentada.

1. Capítulo I - Caracterização da Quinta

A quinta histórica do Palácio de Estoi enquadra-se no período histórico Barroco, construída por volta de 1780, no auge deste período na Europa. O período barroco coincide com uma época de grande riqueza no continente europeu, que teve grande influência no aumento da construção destes novos espaços, as quintas de Recreio, um pouco por toda a Europa, espaços bastante utilizados nesta época como residência para famílias reais e de nobreza.⁷

Ao longo dos anos a área de intervenção tem vindo a ser modificada, de acordo com as ideias, objetivos dos seus diferentes proprietários, que procederam a diversas alterações sobre o espaço ao longo da sua história.

1.1 Enquadramento Histórico

A quinta histórica do Palácio de Estoi pertence ao período Barroco, construída por volta de 1780. O período barroco consiste numa época caracterizada pela elevada riqueza no continente europeu, que resultou na construção de grandiosas obras de arquitetura, principalmente em países como Itália e França, com a edificação de diversas quintas de Recreio.⁸

O Período Barroco surge na segunda metade do século XVI, e foi até final do século XVIII, época onde se destacavam grandiosas obras italianas ao nível da arquitetura, como a construção de importantes edifícios, novas obras de urbanismo e também através da construção de novos espaços como as quintas de recreio, onde se aplicava os novos métodos e conhecimentos adquiridos recentemente na área da Arquitetura Paisagista.⁹

Este período destaca-se também pela introdução de uma nova corrente de pensamento, que pretendia estabelecer uma relação harmoniosa entre a Natureza e o Homem, em vez de procurar estabelecer apenas uma ligação simples com a área envolvente. Pelo contrário o período Barroco pretendia promover um tipo de relação mais

⁷ JELICOE, G.; JELICOE S. – **The landscape of man**. [3.ª edição] Londres: Thames and Hudson, 1996. P.164

⁸ Idem, Ibidem, pp- 164

⁹ Idem, Ibidem, pp- 165.

—
profunda entre o “Homem” e a Natureza, assim como com todos os elementos associados, integrados sobre uma perspetiva e visão mais abrangente sobre o espaço.¹⁰

O período Barroco coincide com uma época onde foram realizadas importantes descobertas científicas, que revolucionaram os conhecimentos naquela época. Por acréscimo foi também bastante importante a época de Paz e de elevada riqueza que se vivia em geral no continente europeu, que permitiu o desenvolvimento ao nível da Ciência, como também a consolidação do continente Europeu, sustentado por uma Economia forte, muito impulsionada pelo comércio marítimo para os continentes de África e América do Sul. Nesta fase foi também muito importante a descoberta de novas rotas marítimas para Oriente, percursos que trouxeram uma melhoria referente às trocas comerciais de diversos bens entre a Europa e a Ásia.¹¹

Estes fatores descritos anteriormente, contribuíram também para o desenvolvimento dos conhecimentos científicos em áreas como a construção civil, arquitetura, arquitetura paisagista, beneficiando também do contacto com povos de outras regiões do mundo. Este período foi marcado também por uma fase de inovação ao nível da construção, como é exemplo a construção de novos espaços, denominados de “Quintas de Recreio”, caso de estudo deste trabalho, tipologia de espaços que se expandiu um pouco por toda a Europa, onde se implementaram estes novos valores, conceitos e conhecimentos adquiridos durante o Período Barroco.¹²

As Quintas de Recreio são espaços que se caracterizam pela sua elevada complexidade, onde se procurava implementar diversas descobertas do período Barroco, com recurso a utilização de novas técnicas ao nível do sistema hidráulico, que proporcionaram uma revolução em termos da conceção e construção ao nível da Arquitetura Paisagista, com capacidade para criar espaços de características

¹⁰ JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.^a edição] Londres: Thames and Hudson, 1996. P - 164.

¹¹ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Iconografia da Natureza e da Paisagem na Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI. Imagens e Significados**. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [s.n], 2015 [texto policopiado], pp. 67-68.

¹² JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.^a edição] Londres: Thames and Hudson, 1996. P - 165.

—
multifuncionais, associados também a atividades recreativas, agrícolas e produtivas no seu interior.¹³

De acordo com Sónia Talhé Azambuja no período Barroco «*Todo o jardim reflete a filosofia da época em que a natureza para ser bela tem de estar submetida à geometria tanto bidimensional (traçado baseado em eixos, parterres e bosquetes) como tridimensional (arte da topiária que esculpe as alamedas de árvores, os arbustos e as sebes).*»¹⁴

Durante o período Barroco foram também adquiridos novos conhecimentos na área da Astronomia, que desempenharam um papel importante no desenvolvimento desta corrente estilística, através da alteração ao nível da perceção global do Homem perante o sistema solar, o que permitiu alcançar uma visão mais abrangente sobre o território. Através destes novos conhecimentos aconteceu uma mudança de perspetiva do “Homem” para com o Mundo e também com a Natureza onde está inserido.¹⁵

A corrente de pensamento Barroca caracteriza-se também por ser um período de transição entre o pensamento dominante aquela época, de conceito filosófico mais rígido, finito, de características clássicas, sendo que o período Barroco pelo contrário, pretendia alcançar nas suas obras grandiosidade, com a criação de espaços de movimento, através da conceção de espaços imaginativos, onde se procurava também utilizar as novas técnicas de construção sobre os projetos, de forma a proporcionar novas sensações nestes locais, como por exemplo a “ilusão” de ótica e integrar também nos projetos elementos artísticos e decorativos.¹⁶

Em Itália o período Barroco teve início em 1544, através da construção de obras importantes um pouco por toda a Itália, principalmente na cidade de Roma, onde se destaca obras emblemáticas como o Palácio Capitolino, um dos símbolos da cidade.¹⁷

¹³ JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.ª edição] Londres: Thames and Hudson, 1996. P - 164.

¹⁴ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Iconografia da Natureza e da Paisagem na Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI. Imagens e Significados**. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [s.n], 2015 [texto policopiado], p. 67.

¹⁵ JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.ª edição] Londres: Thames and Hudson, 1996.pp- - 164.

¹⁶ Idem, Ibidem, pp - 165.

¹⁷ Idem, Ibidem, pp - 166.

—

O Período barroco italiano alcança o seu expoente máximo com a construção de diversas obras no país, realizadas principalmente a cargo do arquiteto Bernini (1598-1680) e do arquiteto Lghens. (1558-1682). Estes dois arquitetos foram responsáveis também pelo desenvolvimento de diversos projetos de Obras Públicas em Itália, sendo que realizaram projetos importantes ao nível do Urbanismo, como é exemplo a construção da Praça de Popolo e a Praça de São Pedro, em Roma.¹⁸

O período Barroco em termos das suas características privilegia a conceção dos seus espaços, com um tipo de desenho de projeto, caracterizado por organização bem definida, utilização de geometria de tipo renascentista, onde se incorporava também objetos decorativos. É também bastante utilizado nestes novos espaços a implementação de rochas, grutas, fontes, de forma a criar espaços com ambientes diferenciados e proporcionar assim ao seu utilizador um espaço de carácter multifuncional, que pode ter espaços mais abertos ou de características mais intimistas.¹⁹

O modelo de Versalhes vai ser moda e «*Praticamente todas as cortes europeias d o final do século XVII e do século XVIII procuraram seguir o novo estilo de jardim formal francês de Versalhes, nomeadamente em Inglaterra (Jardim do Palácio de Hampton Court, c. 1660-1699), na Holanda (Jardim de Het Loo, 1686-1695), na Rússia (Jardim de Peterhof desenhado, em 1716-1719, por um discípulo de Le Nôtre, Jean-Baptiste Le Blond para Pedro, O Grande), na Alemanha (Jardim de Hofgarten Schleissheim, desenhado por Dominique Girard, formado em Versalhes, c. 1717), na Dinamarca (Jardim do Palácio de Frederiksborg, 1720), em Espanha (Jardim de La Granja de San Ildefonso, mandado construir em 1721 por Felipe V de Espanha, neto de Luís XIV), em Itália (Jardim de Caserta Palazzo Reale La Reggia, mandado construir por Carlos III, filho de Felipe V de Espanha, em 1752), na Áustria (Jardim de Schönbrunn, c. 1750), em Portugal (Real Quinta de Queluz, 1747- 1792), entre outros exemplos.*»²⁰

¹⁸ JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.ª edição] Londres: Thames and Hudson, 1996.pp- - 165.

¹⁹ Idem, Ibidem, pp - 165.

²⁰ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Iconografia da Natureza e da Paisagem na Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI**.

Imagens e Significados. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: [s.n], 2015 [texto policopiado], p. 68.

—

Em termos da arquitetura paisagista referente ao período Barroco verifica-se a presença de diversas obras importantes em Itália, sendo uma das obras mais importantes e representativas deste período, a construção da Vila Gamberaia, em 1610, em Settignano. Este espaço consiste numa das obras mais importantes e representativas desta época.²¹

O período Barroco em Portugal foi muito influenciado por parte do Barroco Italiano, devido às características topográficas semelhantes entre os dois Países, como também ao nível do seu Território, Clima e vegetação. Em Portugal considera-se os Jardins da Real Quinta de Queluz, uma das maiores obras pertencente ao estilo Barroco, muito inspirada pelo Barroco Francês e Italiano, adaptado às características do território nacional, onde se incorporavam também os conhecimentos portugueses históricos no que respeita a jardins históricos.²²



Figura 1 – Jardins do Palácio Nacional de Queluz, em Lisboa / Fonte: monumentos.pt

A construção desta obra foi bastante importante para o desenvolvimento da arquitetura e arquitetura paisagista em Portugal, consistindo numa grande influência para o crescimento destes novos espaços, as quintas de Recreio, construídas um pouco por todo o País, sendo o Palácio e Quinta de Estoi exemplo único deste tipo de arquitetura na

²¹ JELLICOE, G.; JELLICOE S. – **The landscape of man**. [3.^a edição] Londres: Thames and Hudson, 1996. P.165

²² GIL, Júlio – Os mais belos Palácios de Portugal . Verbo. pp. 162

região do Algarve.²³ O final do séc. XVII representa em Portugal, principalmente na região de Lisboa, uma fase de elevado crescimento económico, que proporcionou à família real e a diversas famílias da nobreza, a construção de vários palácios e quintas de recreio como locais de residência.²⁴

A quinta de Queluz foi construída em 1582, neste local existia anteriormente apenas uma simples casa de campo, propriedade que pertencia ao Nobre D. Cristóvão de Moura, detentor do título de Marquês de Castelo Rodrigo, que utilizava este espaço apenas para atividades agrícolas, recreativas e de caça.²⁵

Esta propriedade veio mais tarde a ser confiscada ao nobre D. Cristóvão de Moura, por parte do rei de Portugal, D. Pedro I, devido à traição por parte do marquês de Castelo Rodrigo, perante Portugal, após ter sido apoiante das tropas do rei de Espanha, durante o período de guerra pela independência do país. Após a recuperação da autonomia em Portugal, é realizado por ordem do rei D. Pedro I, a decisão de confiscar todos os bens, direitos, títulos e propriedades ao nobre D. Cristóvão de Moura. Este tipo de procedimento foi também aplicado a diversos outros nobres que prestaram o seu apoio para com o rei de Espanha.²⁶

No conjunto de bens confiscados desta família estava incluída a propriedade da Casa de Campo, sendo integrada nos bens pertencentes à Real Casa do Infantado, logo após a independência e tomada de posse por parte do rei.²⁷

O rei D. Pedro I era um profundo admirador do período barroco francês e italiano, período que coincide com a construção do Palácio de Versalhes, em França. Muito influenciado por este acontecimento, o rei D. Pedro I decide ordenar a construção de um novo Palácio em Portugal, de forma a construir a nova residência da família real, de acordo com os princípios e características do estilo barroco, de forma a transportar para

²³ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação.** [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

²⁴ CARITA, H. – **Tratado da grandeza dos jardins em Portugal ou da originalidade e desaires desta arte.** [2.ª edição] Venda Nova, Bertrand Editora, 1998. P. 76.

²⁵ VALE, A.; SEQUEIRA, M. J. – **Acompanhamento arqueológico da empreitada «Recuperação do sistema de abastecimento de água aos jardins do Palácio Nacional de Queluz».** Queluz: 2.ª Campanha, 2006/2007.

²⁶ GIL, Júlio – Os mais belos Palácios de Portugal. Verbo. pp. 163

²⁷ CARITA, H. – **Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte.** [2ª edição] Venda Nova: Bertrand Editora, 1998. P. 173.

Portugal estes valores, e criar este tipo de espaço na sua mais recente propriedade em Queluz.²⁸

O rei D. Pedro I era casado com a rainha D. Maria I, decidiu escolher este local para a construção da quinta do Palácio Nacional de Queluz, com o objetivo de transformar o espaço na residência oficial da família real portuguesa, obras que foram concluídas por volta de 1790.²⁹

Para realizar a construção do Palácio Nacional de Queluz, o rei D. Pedro I, decide contratar o arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, arquiteto militar, aluno brilhante do arquiteto João Frederico Ludovice Régio, que colaborou anteriormente também nas obras do Convento Nacional de Mafra.³⁰

O arquiteto Mateus Vicente de Oliveira foi responsável também pelo desenvolvimento de diversos projetos importantes na cidade de Lisboa, principalmente após o terrível terramoto de 1755, em Lisboa, acontecimento que destruiu grande parte da cidade. Durante este período o arquiteto participou também em várias obras de reconstrução da cidade de Lisboa, motivo pelo qual foi necessário posteriormente a sua substituição como responsável nas obras do Palácio Nacional de Queluz.³¹

As obras para a construção da quinta de recreio do Palácio de Queluz foram iniciadas em Julho de 1752, após a morte do arquiteto Manuel da Costa de Negreiros, sendo que devido a este acontecimento a autoria da obra passou a estar a cargo do arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, Sargento-Mor, arquiteto da Sereníssima Casa e Estado do Infantado, Grão-priorado do Crato e S.^a Igreja de Lisboa.³²

A construção do Palácio de Queluz enquadra-se na tipologia de arquitetura barroca, muito influenciado por parte do barroco francês, através da construção do Palácio de Versalhes em França, concebido ao estilo do rei Luís XV, em que se procurou através desta obra transportar para Portugal e para Queluz, todas as características pertencentes ao período barroco.

²⁸ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação.** [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

²⁹ AFONSO, S. L.; DELAFORCE, A. – **Palácio de Queluz: jardins.** Lisboa: Quetzal, D. L., 1989.

³⁰ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação.** [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

³¹ Idem, Ibidem.

³² GIL, Júlio – Os mais belos Palácios de Portugal. Verbo. pp. 163

A arquitetura do Palácio, caracteriza-se também pela presença de diversos elementos de arquitetura de estilo tipo rococó, uma versão de arquitetura de origem alemã e austríaca, estilo também bastante presente em geral no continente Europeu durante este período histórico. Esta obra apresenta também diversos elementos de puro barroco, com a presença de reminiscências do estilo português seiscentista.

É possível também observar a presença de estilo classicismo neste espaço, através da geometria existente que estrutura o espaço, semelhante ao estilo utilizado por parte Luís XIV, com a presença também de pormenores de construção referente ao período neoclássico.³³

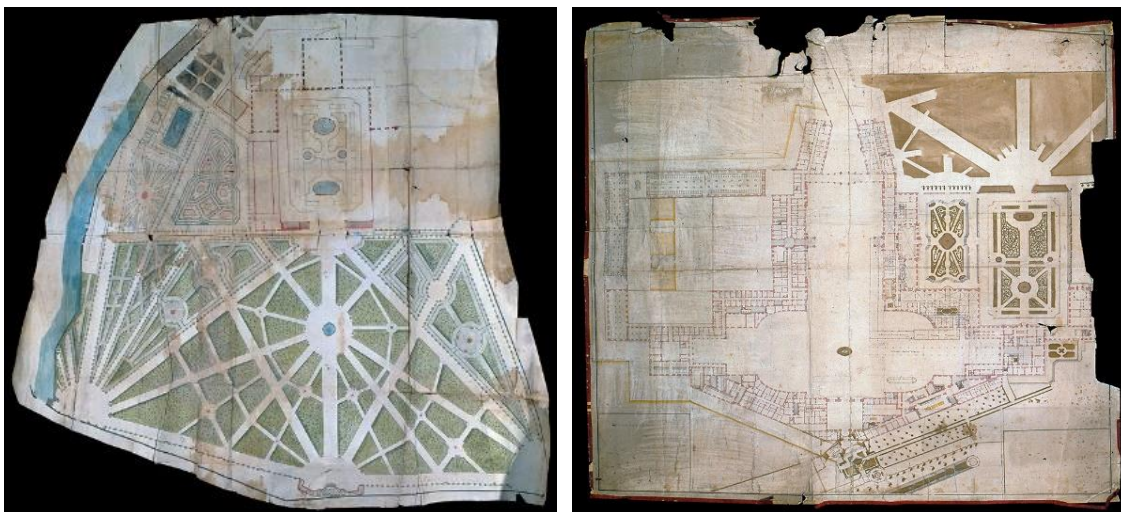


Figura 2 – Plano dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz, séc. XVIII, Biblioteca do Rio de Janeiro, Brasil. ³⁴

O arquiteto Mateus Vicente de Oliveira, foi um dos autores responsáveis pelo desenvolvimento do projeto para o edifício principal do Palácio Nacional de Queluz, quinta e seus jardins. Para a escolha do arquiteto foi muito importante a sua capacidade referente à interpretação dos modelos arquitetónicos avançados utilizados nesta época, desenvolvidos principalmente fora de Portugal, num período em que predominava o Barroco italiano e francês conforme referido anteriormente. Esta obra é considerada a «mais notável manifestação rocaille cortesã no País».³⁵

³³ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação.** [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

³⁴ ³⁴ CARITA, H. – **Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte.** [2.^a edição] Venda Nova: Bertrand Editora, 1998. P. 172.

³⁵ GIL, Júlio – **Os mais belos Palácios de Portugal.** Verbo. pp. 162

—

Para a execução deste projeto foi necessário proceder à encomenda de diversos materiais importados, com a utilização de diversas pedras regionais, assim como a importação de diversas janelas, portas envidraçadas, mármore provenientes de Génova, Itália e também a encomenda de grandes quantidades de madeira com origem no Brasil e Suécia.³⁶

Devido ao elevado volume de trabalho associado às obras de reconstrução da cidade de Lisboa, após o terrível acontecimento do terramoto de 1755, foi necessário a utilização de diversos técnicos especializados na reconstrução da cidade, situação que promoveu posteriormente uma falta de técnicos especializados, sendo que por este motivo o rei D. Pedro I, decidiu contratar outro arquiteto de forma a ser possível continuar o projeto e não prejudicar o desenvolvimento dos trabalhos referente à segunda fase de construção do Palácio de Queluz, sendo escolhido como responsável desta obra o arquiteto francês Robillion, que exercia também funções para a família real, como ourives na Casa Real do Infantado.³⁷

A segunda de fase de construção do Palácio Nacional de Queluz foi realizada com a coordenação dos diferentes trabalhos necessários a cargo do arquiteto Robillion, com uma metodologia que se caracterizava pelo seu trabalho de elevada orientação estética, um pouco diferente do estilo utilizado anteriormente por parte do arquiteto Mateus Vicente de Oliveira.³⁸

Os jardins do Palácio Nacional de Queluz foram também projetados pelo arquiteto Jean-Baptiste Robillion, com a conceção de espaços de elevada extensão, caracterizados por serem bastante diferenciados, «são muitos, mui grandes e variados».³⁹

A quinta de Recreio do Palácio de Queluz e os seus jardins foram bastante valorizados através da intervenção do arquiteto Robillion, que aplicou no projeto os seus conhecimentos adquiridos durante a sua formação em França, sendo que procurou projetar neste local, espaços de elevado requinte, brilho e grandiosidade.

³⁶ GIL, Júlio – **Os mais belos Palácios de Portugal**. Verbo. pp. 163

³⁷ AFONSO, S. L.; DELAFORCE, A. – **Palácio de Queluz: jardins**. Lisboa: Quetzal, D. L., 1989.

³⁸ Idem, *Ibidem*. pp.

³⁹ BARBOSA, I. V. – **Fragmentos de um roteiro de Lisboa inédito: arrabaldes de Lisboa**. Archivo Pittoresco. Lisboa: Castro Irmão e Companhia, 1863. Vol. 6. P. 241-243.

Em termos da construção do Palácio e dos seus diferentes espaços, destaca-se também a presença da Sala do Trono e o Pavilhão Robillion, obras que foram concluídas no ano de 1777 e realizada a mudança definitiva da família real para o Palácio Nacional de Queluz após o fim dos trabalhos.⁴⁰

, Brasil.⁴¹

A construção do Palácio Nacional de Queluz decorre entre os anos de 1786 até 1792, sendo o autor desta fase do projeto, realizada a cargo do arquiteto Manuel Caetano de Sousa, que teve como principal tarefa, conceber o projeto para o novo edifício do Palácio, o Pavilhão D. Maria I e também proceder a integração deste novo espaço de acordo o edificado existente.

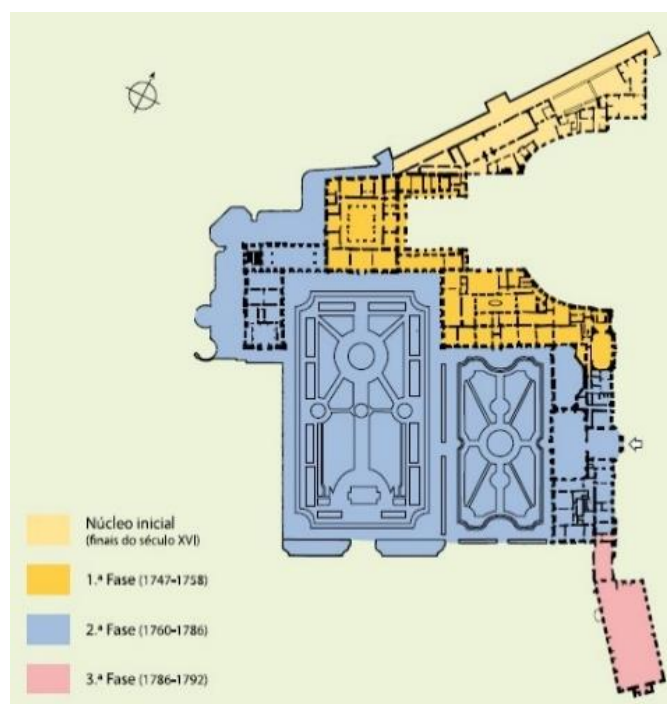


Figura 3 – Planta referente às três fases principais da construção do Palácio. Fonte: monumentos.pt

Na fase de construção deste novo edifício pertencente ao Palácio ocorreu um problema relativamente à captação de água para o Palácio e a sua Quinta de Recreio, sendo que foi necessário redefinir a distribuição das águas nesta região de forma a ser possível a sua utilização e integração no sistema hidráulico do Palácio e Quinta e assim

⁴⁰ AFONSO, S. L.; DELAFORCE, A. – **Palácio de Queluz: jardins**. Lisboa: Quetzal, D. L., 1989.

⁴¹ CARITA, H. – **Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte**. [2.ª edição] Venda Nova: Bertrand Editora, 1998. P. 172.

—
conseguir contornar o problema de escassez de água durante o período de Verão, na região da cidade de Lisboa.⁴²

A água constitui-se como um elemento fundamental na conceção das Quintas de Recreio, com possibilidade de proporcionar aos utilizadores destes espaços novas sensações, ambientes variados, assim como preservar neste tipo de local as funções produtivas, utilização correta e inteligente da água tanto pela simbologia deste elemento, valor, características muito apreciadas e utilizadas nos típicos “jardins à francesa”. A utilização da água consiste também como um apelo às sensações da Natureza nestes espaços, utilização de diversidade de espécies de vegetação, e utilizar as novas descobertas ao nível do desenvolvimento dos sistemas hidráulico durante o século XVIII.⁴³

1.2 Localização

O Palácio e quinta histórica de Estoi localiza-se na Aldeia de Estoi, pertencente à freguesia de Conceição e Estoi, concelho de Faro, Região do Algarve. Os acessos ao Palácio podem ser efetuados a Sul através da Rua da Barroca, a Sudoeste com ligação por parte da Rua da Horta Nova e a Nordeste com acesso a partir da Rua de São José.

A área de intervenção está inserida numa zona de transição entre o litoral e o Barrocal Algarvio, com uma localização privilegiada, próximo das Ruínas Romanas de Milreu, local histórico, classificado como património, onde se pode observar diversos vestígios pertencentes à vivência do povo romano em Estoi. É possível de verificar também a proximidade vias estruturantes da Região do Algarve, como por exemplo os acessos à estrada Nacional 125 e à autoestrada via-do-Infante.

1.3 Análise Biofísica

O presente trabalho contempla também uma análise biofísica sobre a área de intervenção, de forma a estudar seus diferentes fatores, de forma a compreender o espaço,

⁴² AFONSO, S. L.; DELAFORCE, A. – **Palácio de Queluz: jardins**. Lisboa: Quetzal, D. L., 1989.

⁴³ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação**. [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

—
realizada através do recurso ao estudo de bibliografia e utilização de tecnologias SIG – Sistemas de Informação Geográfica, com a utilização do software Quantum GIS, de acordo com a cartografia digital associada, e aplicada a área estudo do presente trabalho.

O concelho de Faro apresenta uma situação climática caracterizada por um tipo de clima temperado mediterrânico, considerado de acordo com a classificação climática de Köppen, principalmente pela presença de duas estações climáticas diferentes, que se caracteriza por um período chuvoso e de frio ameno e uma estação de clima quente e seco, durante o restante período.⁴⁴

A geomorfologia e a geologia presentes neste território, são responsáveis por parte das características da paisagem onde se insere a área de intervenção, sendo bastante importante compreender e estudar a base desta paisagem, a fim de compreender a sua evolução.

Em termos da Geologia, verifica-se a presença na área de intervenção de solos pertencentes ao Quaternário Superior, do Período Holocénico, com diferentes tipos de solos como Cascalheiras e terraços.

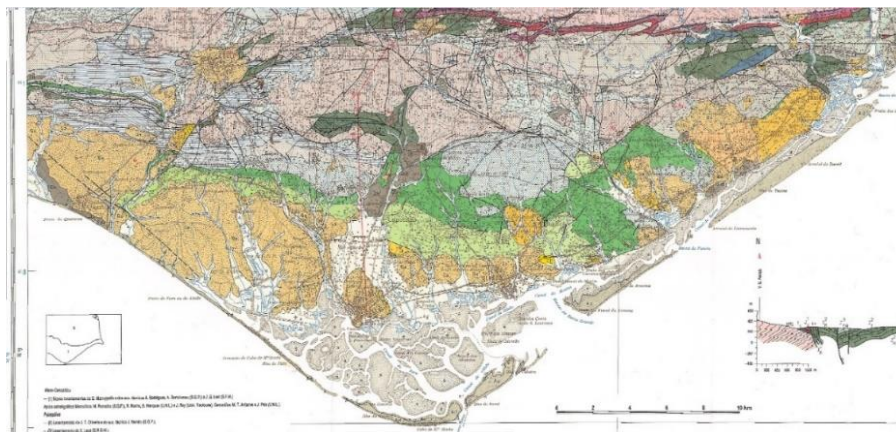


Figura 4 – Carta Geológica de Portugal. Fonte: <https://www.lneg.pt/>

Na área envolvente a quinta histórica do Palácio de Estoi, mais concretamente na área pertencente a aldeia de Estoi, verifica-se a presença de solos pertencentes ao período Jurássico, Superior, Oxfordiano, com a presença principalmente de solos do tipo

⁴⁴ Kopp, Erwin – **Os solos do Algarve e as suas características**. Faro: Direção Regional de Agricultura do Algarve, 1989. pp. 25/152/160.

—
Calcários e margas de Peral. É ainda possível observar a presença de solos de Calcários hidráulicos de Loulé, solos estes de presença predominante na zona do Barrocal Algarvio.

Em termos de Declives verifica-se que o Palácio de Estoi localiza-se numa zona de desnível acentuado, sendo que para realizar a construção da área de intervenção, foi necessário a contornar o desnível existente de forma a integrar de forma ideal sobre o terreno. A área pertencente à quinta do Palácio de Estoi encontra-se com declives menos acentuados, neste espaço predomina um tipo de declive mais suave, que possibilita a prática de atividades agrícolas.

A área de intervenção enquadra-se em termos de Hipsometria numa área de transição, entre o Litoral e o Barrocal. É possível observar após análise da cartografia desenvolvida que o Palácio caracteriza-se pela presença de áreas de valor entre os 100 a 200 metros de altitude, sendo que a área da quinta se insere numa área com valores entre 0 a 100 metros de altitude.

A orientação de Encostas presente no espaço verifica-se que o Palácio e Quinta foi construído sobre a exposição da Fachada principal do Palácio no sentido Norte, sendo que o edifício e quinta beneficia da exposição a Sul.

Em termos do Povoamento Florestal verifica-se a presença de diferentes tipologias de áreas no que respeita a área de intervenção e no espaço onde está inserido. Na área onde se insere o Palácio e Quinta de Estoi verifica-se principalmente a presença em termos da ocupação do solo nesta região com o tipo de utilização associadas à Agricultura, Pequena Indústria, Comércio.

A zona envolvente ao Palácio e Quinta de Estoi caracteriza-se pelo principalmente seu carácter rural, onde predomina a ocupação dos solos através de Agricultura de Culturas permanentes e também a presença de áreas agrícolas heterogéneas.

1.4 Enquadramento histórico e artístico

A construção do espaço que forma o Palácio e Quinta de Estoi, caso de estudo desta dissertação, foi muito influenciado pelo período Barroco, mas também está

—
relacionada a história deste espaço com a edificação anos antes do Palácio Nacional de Queluz, obra pertencente também ao período Barroco, sendo estes elementos fundamentais, assim como a proximidade entre existente entre a família Carvalho e Vasconcelos e a família real. O palácio Nacional de Queluz foi inspirado no estilo Barroco Francês, adaptado às características do território nacional, espaço que incorpora também técnicas e conhecimentos históricos portugueses sobre jardins, sendo a obra mais marcante referente ao período barroco em Portugal.⁴⁵

A construção desta grandiosa obra foi bastante importante para Portugal, e representou uma grande influência sobre o crescimento de novas construções de vários palácio e quintas de recreio no país, sendo importante referir que o Palácio e Quinta de Estoi trata-se do único exemplar deste tipo de arquitetura Barroca presente na região do Algarve, considerado talvez o melhor exemplo da construção de Quintas de Recreio na região.⁴⁶

O local onde existe atualmente o Palácio Nacional de Queluz era antigamente à data de 1582, apenas uma simples casa de campo, propriedade que pertenceu ao Nobre D. Cristóvão de Moura, detentor do título de Marquês de Castelo Rodrigo, que utilizava o espaço apenas como casa de campo, atividades agrícolas, recreativas e caça.⁴⁷

O rei D. Pedro I era casado com a rainha D. Maria I, que era bastante próxima da mulher do Coronel Carvalho e Vasconcelos, que desempenhava funções para a rainha, sendo a açafta preferida, que através de diversas visitas realizadas ao Palácio Nacional de Queluz, teve oportunidade de conhecer e contemplar este grandioso espaço, presume-se que desta ligação próxima poderá ter surgido a ideia de construir-se também um Palácio nas propriedades da sua família em Estoi e constituir neste local a nova residência oficial de sua família, de acordo com o poder económico desta família.

O coronel Francisco José Pereira de Carvalho e Vasconcelos casa em 1779, com Rita Efigénia de Lima Botado e Almeida, que trabalhava como auxiliar da rainha D. Maria I, existindo entre a sua esposa e a rainha de Portugal uma relação de grande amizade.

⁴⁵ GIL, Júlio – **Os mais belos Palácios de Portugal**. Verbo. pp. 162

⁴⁶ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação**. [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

⁴⁷ VALE, A.; SEQUEIRA, M. J. – **Acompanhamento arqueológico da empreitada «Recuperação do sistema de abastecimento de água aos jardins do Palácio Nacional de Queluz»**. Queluz: 2.^a Campanha, 2006/2007.

—
“*Açafata da Rainha D. Maria I em 1778, e depois da Princesa D. Carlota Joaquina, da qual era Confidente*”⁴⁸. Deste casamento nasceram dezasseis filhos.⁴⁹

Cronologia

1778 – O Coronel Francisco Carvalho solicita no Cartório da Nobreza o reconhecimento social como membro de primeira categoria da Nobreza.

1779 – A 11 de Março de 1779 a rainha D. Maria I, reconhece a legitimidade da família Carvalho e Vasconcelos em requerer o brasão de Armas.

1782 – Coronel Francisco Carvalho e Vasconcelos herdou entre outros bens, várias propriedades na aldeia de Estoi.

1782-1783 – Inicia-se a construção da Quinta de Estoi, composta por Palácio, jardins e quinta produtiva.

1817 – A 27 de Fevereiro de 1817 Francisco Carvalho e Vasconcelos adquire a propriedade adjacente, por permuta com o Capitão João José Freire, de Estoi.

1823 – Em 1823 Francisco José Moreira Pereira do Carvalho Vasconcelos Brito Osório Batavias de Moura Coutinho deixa para o seu filho mais velho, Fernando José Moreira do Carvalho Vasconcelos Brito Osório Batavias de Moura Coutinho, a administração de todos os cargos do seu pai, estatuto social e propriedades.

1835 – Fernando José Moreira do Carvalho Vasconcelos Brito Osório Batavias de Moura Coutinho, casado com D. Maria Joana da Piedade Bravo Pereira Forjaz do Lago, começa a trabalhar na corte em Lisboa no ano de 1835.

1847 – Em 1847 morre Fernando José Moreira do Carvalho Vasconcelos Brito Osório Batavias de Moura Coutinho, passando as propriedades e títulos para o herdeiro o seu irmão Luís Filipe Pereira de Carvalho e Vasconcelos, marechal de campo reformado.

⁴⁸ AHM, Cx. 427 – Proc^o de Francisco José Pereira Carvalho...; A. de Oliveira, Op. Cit., p. 153.

⁴⁹ Anais Município de Faro – pp-

—
1861 – Luís Filipe de Carvalho e Vasconcelos faleceu no ano de 1861, deixando para o seu irmão mais novo José Maria de Carvalho e Vasconcelos a administração dos títulos da família e o Palácio de Estoi.

1866 – Em 1866, José Maria de Carvalho e Vasconcelos, solteiro, residente em Lisboa, determina no seu testamento, a 23 de Outubro de 1866, que o palácio deveria permanecer sob a regência das suas irmãs D. Maria da Encarnação e D. Maria Francisca Pereira do Carvalho.

1875 – O último morgado da família Carvalho viria a falecer a 16 de Fevereiro de 1875, extinguindo-se a família por falta de descendência, ficando o palácio e quinta de Estoi ao abandono.

1893 – O Palácio e a sua propriedade são adquiridos em hasta pública pelo abastado farmacêutico e proprietário rural José Francisco da Silva, pela quantia de 5446\$23,4 reis.

1893 – No ano da compra inicia-se as obras de restauro, sendo contratado para a realização da obra o arquiteto e decorador Domingos António da Silva Meira.

1906 – No dia 4 de Janeiro de 1906 o rei D. Carlos I condecora José Francisco da Silva com o título de visconde de Estoi pelos serviços prestados ao rei e ao povo de Estoi.

1909 – No dia 2 de Maio de 1909 realiza-se a festa de inauguração do Palácio, jardim, e quinta, com uma festa avaliada no valor de 581\$41,5 reis.

1926 - Falecimento de José Francisco da Silva, com cerca de oitenta e seis anos, solteiro, ficando a propriedade do palácio e quinta de Estoi para as herdeiras D. Ana Zeferino, sua prima e afilhada, casada com o Sr. José de Brito e Melo.

1977 – Durante a posse de D. Maria da Luz Melo Assis Machado, mais precisamente no ano de 1977, é atribuída a classificação de Imóvel de Interesse Público.

1987 – O estado de degradação do Palácio, associado também aos elevados custos necessários para realizar o restauro e manutenção do local, levou esta família a vender o Palácio de Estoi à Câmara Municipal de Faro em 1987, acontecendo após a compra, a abertura dos jardins ao público.

—
1992 – Realizada a primeira intervenção por parte da DGEMN. Com vista ao restauro do edifício do palácio em 1992 pela DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – e DRSMS – Direção Regional de Serviços de Monumentos do Sul.

1993 – Em 1993 a C.M. Faro e a Direção-Geral dos Monumentos Nacionais solicitam a elaboração de um projeto de recuperação dos jardins do palácio de Estoi, encomendado ao arquiteto paisagista João Ceregeiro e sua equipa técnica.

1999 – A 23 de Junho de 1999 o palácio e os seus jardins são envolvidos num projeto de restauro e reabilitação, que pretende desenvolver um protocolo entre a Câmara Municipal de Faro, proprietária do imóvel, a DGEMN e a ENATUR – Pousadas de Portugal, pelo prazo de cinquenta anos, que inclui a cedência do palácio, dependências, logradouros e jardins.

2003 – A 10 de Janeiro de 2003 é assinado um novo protocolo entre a CMF e a ENATUR, onde se estabeleceu um acordo referente às alterações a realizar sobre o palácio de Estoi.

50

1.5 Os Proprietários

A história da Quinta do Palácio de Estoi está diretamente relacionada com os seus proprietários, parte fundamental na história e desenvolvimento deste local, responsáveis por diversas alterações na área de intervenção, que fez este local único na região do Algarve.

O Palácio e Quinta de Estoi foi construído por ordem do seu primeiro proprietário, o Sr. Francisco José Moreira Pereira de Carvalho e Vasconcelos (1756-1823), durante o período final do séc. XVIII.⁵¹

Francisco José Pereira de Carvalho e Vasconcelos, natural de Faro, filho mais velho de Fernando de José de Seabra Neto, Capitão-mor de Faro, Mestre de Campo da

⁵⁰ SIPA – Sistema de Inventário do Património Arquitetónico, Arquivo do Forte de Sacavém
Nota: selecionar Recursos/Inventários/Pesquisar o Inventário do Património Arquitetónico”.

⁵¹ BINNEY, Marcus – **Casas Nobres de Portugal** – Lisboa, pp. 114

—
Infantaria e Auxiliar da Comarca de Tavira⁵². O seu pai foi casado com Maria Josefa Vitória de Brito e Castanheda.⁵³

Francisco José Pereira de Carvalho e Vasconcelos casou em 1779, com Rita Efigénia de Lima Botado e Almeida, açafata preferida e confidente da rainha D. Maria I, que tinha uma relação de proximidade e amizade com a rainha de Portugal. “*Açafata da Rainha D. Maria I em 1778, e depois da Princesa D. Carlota Joaquina, da qual era Confidente*”⁵⁴. Deste casamento nasceram dezasseis filhos.⁵⁵

A relação de D. Rita Efigénia com a rainha D. Maria I era bastante próxima, sendo que a açafata da rainha tinha amamentado alguns infantes por impossibilidade da rainha, assim como o próprio príncipe, sendo que se tornariam padrinhos dos filhos de D. Rita, batizados em Lisboa. Esta relação permitiu a frequente estadia de D. Rita Efigénia como acompanhante da rainha, no Palácio de Queluz, despertando aqui nesta amizade a sua vontade em criar uma quinta de recreio inspirada no Palácio e jardins de Queluz.

Após o seu casamento com D. Rita Efigénia de Lima Botado e Almeida, Francisco José de Brito Pereira de Carvalho e Vasconcelos passou a residir na Rua de Santo António, no edifício a antiga Casa das Açafatas.

Seria após a morte de seu pai, Fernando José de Seabra e Neto em 17 de julho de 1782 que o Coronel Carvalho e Vasconcelos herdou vários bens, assim como diversas propriedades em Estoi, área que aumentou através da compra diversas propriedades na área envolvente, formando a assim o espaço necessário para construir o Palácio e Quinta de Estoi.⁵⁶

⁵² AHM, Cx. 427 – Procº de Francisco José Pereira Carvalho e Vasconcelos.

⁵³ ANTT, **Cartório da Nobreza, Mç. 15** – doc. 8, fl. 40r; Nuno Campos, «Dois Brasões, uma família – de Neto Seabra a Osório Pereira de Carvalho e Vasconcelos. O Brasão do Palácio de Estoi explica o da Casa das Açafatas?», in *Anais do Município de Faro*, vols. XXIX/XXX (1999/2000), Faro, Câmara Municipal de Faro, 2000, p. 160 e respectiva nota nº 12.

⁵⁴ AHM, Cx. 427 – Procº de Francisco José Pereira Carvalho...; A. de Oliveira, *Op. Cit.*, p. 153.

⁵⁵ HORTA-CORREIA, José – “**O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?**” – *Anais do Município de Faro* (...) pp. 79

⁵⁶ HORTA-CORREIA, José – “**O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?**” – *Anais do Município de Faro* (...) pp. 79

—
“É interessante referir que no testamento, o seu progenitor pede que” (...) se faça na dita Quinta da parte do norte da casa que está destelhada uma capela ou ermida pública ao Senhor São José”.⁵⁷

Em Novembro de 1778, o Coronel Francisco José de Moreira de Brito Pereira de Carvalhal solicita o reconhecimento social como membro da Nobreza, pedido aceite por parte da rainha D. Maria I, a 11 de Março de 1779, que lhe atribuiu o Braço de armas, símbolo de poder económico e social da família, “das famílias dos Apelidos de Peryras, Vascocellos e Carvalhaes para poder requerer o seu braço de Armas”⁵⁸.

Este processo representou um reconhecimento social importante para a família do Coronel Francisco José de Moreira de Brito Pereira de Carvalhal, que fortaleceu ainda mais o seu poder social e económico. Como prova deste poder e riqueza, decide construir o Palácio em Estoi, de forma a ser a residência oficial para a sua família.⁵⁹



Figura 5 – Pormenor do brasão de armas (existente por cima da casa do lago). Fonte: Monografia de Estoi

A construção do Palácio e Quinta de Estoi foi iniciada entre o ano de 1782-1783, com a estrutura inicial deste espaço composta pelo edifício principal do Palácio, jardins e área de quinta produtiva.⁶⁰

⁵⁷ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro (...) pp. 79

⁵⁸ *Idem, Ibidem.* pp. 80

⁵⁹ GIL, Júlio – Os mais belos Palácios de Portugal. Verbo. pp. 162

⁶⁰ LAMEIRA, Francisco – “Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi” - Revista Monumentos, pp. 204.

—
O autor do projeto presume-se que seja o arquiteto Manuel Caetano de Sousa, de acordo com novas informações publicadas recentemente por parte do Historiador José Horta Correia. O arquiteto Manuel Caetano de Sousa foi também um dos responsáveis na construção do Palácio Nacional de Queluz, residência oficial da família real portuguesa.

61

Devido a proximidade entre a família Carvalho e Vasconcelos, a família real Portuguesa, com a relação de amizade entre a rainha e sua esposa, através da convivência com a rainha, visitava várias vezes a quinta do Palácio Nacional de Queluz, o que contribuiu bastante como fonte de inspiração para a construção de um palácio também de acordo com o estilo barroco nas suas propriedades em Estoi.⁶²

*“Será então o arquiteto da corte Manuel Caetano de Sousa (1742-1802) que desenhará um conjunto arquitetónico paisagístico inovador nesta região. Aponto como hipótese o ano de 1787 em que, por causa do nascimento do seu 8º filho, o casal D. Rita Efigénia e Coronel Francisco José estiveram em Lisboa, que se terá concretizado e portanto ajustado o contrato com o arquiteto.”*⁶³

Alguns anos após o início das obras do Palácio e Quinta de Estoi ocorreu conflito com o vizinho da propriedade, o Cónego Joaquim Pedro da Costa Maciel, que reclamava sobre irregularidade da construção da quinta naquele local e também uma disputa pela captação de água neste espaço. – *“(…) após a conclusão das casas e dos jardins, quando murava a quinta começam os problemas com o seu vizinho, o Cónego Joaquim Pedro da Costa Maciel”*⁶⁴. Conflito que se prolongou durante vários anos entre os proprietários.⁶⁵

Os documentos encontrados nos finais do séc. XVIII, existentes no Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), em Lisboa, testemunham a veracidade deste processo moroso. É possível observar através da consulta destes documentos, a existência do mapa original do palácio realizado em 1800:

⁶¹ HORTA-CORREIA, José – **“O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?”** – Anais do Município de Faro (...) pp. 79

⁶² Idem, Ibidem. pp. 79

⁶³ Idem, Ibidem. pp.80

⁶⁴ In D.P. Algarve, 516/63. Fl. 13, ANTT.

⁶⁵ LAMEIRA, Francisco – **“Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi”** - Revista Monumentos, pp. 204.

—
“...”Diz Francisco José Moreira de Brito Pereira Carvalho e Vasconcelos da cidade de Faro, Fidalgo da casa real Coronel Infanteria ajudante de ordem do general que é possuidor e senhor de uma quinta nobre por sua extensão e qualidade, junto ao lagar de Estoi termo de privacidade na mesma quinta por um canto se acha consigo encravado um pequeno prédio que pertence o padre Francisco da Costa Pestana dessa cidade, do qual recebe a mesma quinta muitos e graves prejuízos e desfeitas passando sem duvida a quinta do sup e de valor muito mais de 6 partes além do valor do prédio encravado porque na conformidade das leis deste rei... ”⁶⁶

Após vinte anos em disputas legais, o Coronel vence esta causa, sendo que após a decisão do tribunal o Cónego Joaquim Pedro da Costa Maciel, vende a propriedade agrícola denominada de “Jardim de Estoi”. A 27 de Fevereiro de 1817, Francisco José Moreira de Brito Pereira de Carvalho e Vasconcelos adquire esta propriedade e documentação, realizada por permuta com o Capitão João José Freire, de Estoi, titular desta propriedade.⁶⁷

Em 1808 são concluídas as obras do Palácio e Quinta de Estoi, sendo que após a finalização da obra, vivia-se em Portugal um período bastante conturbado, em que Portugal lutava pela sua independência perante o domínio Francês. Durante este período, o Coronel Francisco Carvalho e Vasconcelos, apoiante do regime Francês, realiza uma festa em honra do general Maurin, Governador Militar da região do Algarve.⁶⁸

A amizade entre o Coronel Francisco Carvalho e Vasconcelos e o General Maurin causou bastante controvérsia e desagrado na população de Estoi, devido a situação descrita anteriormente que se vivia em Portugal. Mais tarde após a recuperação da independência de Portugal, o proprietário do Palácio e Quinta de Estoi foi condenado devido ao apoio prestado para com o domínio francês, em consequência deste facto é condenado ao isolamento até ao fim dos seus dias no Palácio e Quinta de Estoi, sendo também considerado como um traidor da Pátria.⁶⁹

⁶⁶ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro (...) pp. 81

⁶⁷ Livro do Tabelião de Notas de Faro de 1817, fls. 1 a 2 v.º.

⁶⁸ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 105.

⁶⁹ In **A invasão de Junot no Algarve, Subsídios para a história da Guerra Peninsular – 1808-1814**. [S.L.], [s.n.] p. 140-141.

—
*“Povo furioso (...) que ameaçava assassínios contra todas as pessoas que odiavam entre elas o suplicante (...). Acusavam-no não só de manter correspondência secreta com o corregedor Goguet, mas também de haver favorecido a malograda fuga do caro da bagagem dos franceses, encontrado ao que parece, numa das suas propriedades, nos arredores da cidade (...). Entretanto procedeu-se a um rigoroso inquérito, donde resultou o apuramento da injustiça das acusações feitas ao Coronel Carvalho. Não aconselhava ainda o prelado o regresso do referido Coronel a Faro e isto já em Dezembro de 1809.”*⁷⁰

Após a morte de Francisco Pereira Carvalho Vasconcelos em 1823, deixou em testamento todos os seus bens, estatutos sociais e propriedades para o seu irmão Luís Filipe de Carvalho, Marechal de Campo reformado. Foi casado com D. Maria José de Sousa Barros Coupier. A família utilizava o Palácio apenas como residência para férias, sendo que a sua residência principal se localizava em Lisboa.⁷¹

Em 1823 Francisco Pereira de Carvalho e Vasconcelos veio a falecer no ano de 1861, solteiro, sem deixar descendentes, sendo que em seu testamento deixa todos os seus bens, títulos e propriedades para o seu irmão mais novo José Maria de Carvalho e Vasconcelos.⁷²

Foi também vontade deste último que o Palácio e Quinta de Estoi, assim como as todas suas propriedades, bens, deveriam ficar na posse de Fernando José Maria Pereira do Carvalho Vasconcelos de Moura Coutinho, casado com D. Maria Joana da Piedade Bravo Forjaz do Lago, que trabalhava na corte, em Lisboa a data de 1835.⁷³

Após a morte de Fernando José Maria de Carvalho e Vasconcelos Brito Osório Batavias de Moura Coutinho em 1847. Deixa como herdeiro o seu irmão Luís Filipe de Carvalho e Vasconcelos, marechal de campo reformado, casado com D. Maria José de Sousa Barros Coupier, igualmente residente em Lisboa.

⁷⁰ In **A invasão de Junot no Algarve, Subsídios para a história da Guerra Peninsular – 1808-1814.** [S.L.], [s.n.] p. 140-141.

⁷¹ CAMPOS, Nuno, op. cit. p. 167

⁷² NOBRE, Glória Isabel Guerreiro, «**Subsídios para o estudo do azulejo no palácio de Estoi**», Anais do Município de Faro, vols. XXIX/XXX. 1999/00. Faro. P. 143.

⁷³ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 105.

Luís Filipe de Carvalho e Vasconcelos morre em 1861. Igualmente sem deixar descendentes, seria assim o seu irmão mais novo José Maria de Carvalho e Vasconcelos, também residente em Lisboa. Viria a falecer em 23 de Outubro de 1866. Sendo que o palácio permaneceu na posse da família, para as suas irmãs D. Maria da Encarnação e D. Maria Francisca Pereira do Carvalho. Contudo ficou também descrito no seu testamento, de que a propriedade deveria ser vendida após a morte do último familiar, sendo o produto da venda deveria ser distribuído pelos pobres da região de Faro.⁷⁴

*“Deixo a minhas irmãs D. Maria da Encarnação Pereira de Carvalho e D. Maria Francisca Pereira de Carvalho o usufruto de todos os bens que foram vinculados pelos nossos avós e de que eu fui o último administrador e hoje os possuo como livres em virtude das novas leis sobre vínculos, para delas gozarem conjuntamente enquanto vivas forem, ou serem unicamente usufruídos, por aquela que sobreviver, e por morte da última é que serão vendidos e distribuído o seu produto pelos pobres.”*⁷⁵

O último membro da família Carvalho viria a falecer a 16 de Fevereiro de 1875, extinguindo-se a família por falta de descendência, de origem ancestral, com origem na família Martim Gonçalves do Carvalho, antigo Alcaide-Mor da praça de Tavira.⁷⁶ Após este período o espaço permaneceu abandonado por cerca de dezoito anos.⁷⁷

A vontade definida em testamento por parte do último proprietário do Palácio e Quinta de Estoi acabou por nunca ser cumprida, sendo que a decisão ficou dependente da aprovação por parte do Tribunal Orfanológico de Lisboa, que decretou que todos os bens ficassem na posse do Sr. Teófilo Gennez Pereira.⁷⁸

A 1 de Novembro de 1880, é noticiado no Jornal “O Algarve Ilustrado”, importante jornal da época na região do Algarve, que descreveu a situação de abandono e degradação em que encontrava o Palácio e Quinta de Estoi, situação que se prolongou

⁷⁴ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro (...) pp. 81.

⁷⁵ LAMEIRA, Francisco – “Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi” - Revista Monumentos, pp. 204.

⁷⁶ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro (...) pp. 82.

⁷⁷ Idem, Ibidem, pp. 82.

⁷⁸ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 103.

—
durante longo período de tempo, devido ao impasse sobre a aprovação ou não da venda do Imóvel.⁷⁹

“De toda essa fidalga pompa só restam hoje ruínas por toda a parte. Ruína no frontispício do elegante palacete, uma fachada escalitada em que ressumbra toda a tristeza da sua solidão e abandono, ruína no pórtico gradeado e na monumental escadaria exterior, onde ponpearam primores de estatutária, substituídos hoje pelas heras que se penduram em festões decorativos ruína nas cascatas e fontes ornamentaes, alimentadas por manciaes que hoje regam uma vegetação asgas por manucansa livremente nos imperos selváticos de uma triumphal e jubilante emancipação dos antigos artificios de jardinagem”⁸⁰

Em 1893, José Francisco da Silva, burguês natural de Estoi, residente na cidade de Beja, tem conhecimento do estado de degradação do Palácio, através da publicação descrita anteriormente, sendo que procedeu à compra do Palácio no ano de 1893, aos proprietários por herança o Sr. José Martins Caiado e o Sr. João Pires e também a uma terceira proprietária, herdeira, a Sra. D. Maria do Carmo Mascarenhas. A compra do imóvel foi realizada em hasta pública, assim como o total de todos os bens, pelo valor de 5.446§23,4.⁸¹



Figura 6 – Fotografia publicada no jornal “O Algarve Ilustrado – 1 Novembro 1880”. Fonte: “O Algarve Ilustrado”.

⁷⁹ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **“Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins”**. Licenciatura em Arquitetura Paisagista da FCT/UAlg; s.n., 2008.

⁸⁰ O Algarve Ilustrado, 1894, op, Cit. p. 113-114.

⁸¹ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914,pp. 103.

—

O novo proprietário não possuía título de nobreza, sendo que procurava afirmar-se na sociedade através da política e também da grandiosidade do seu novo imóvel. José Francisco da Silva desempenhou também cargos importantes como chefe do Partido Progressista de Beja e também governador do distrito de Beja durante os anos de 1905 e 1906.⁸²

Após a compra do Palácio e Quinta de Estoi, o novo proprietário decidiu realizar uma profunda intervenção de restauro sobre o local, sendo que para tal contratou o arquiteto e Decorador Domingos António da Silva Meira para responsável das obras. Esta intervenção enquadra-se no estilo de arquitetura contemporâneo da época do séc. XIX.⁸³

De forma a realizar e concretizar as obras de Restauro sobre o Palácio e Quinta de Estoi, foi necessário gastar elevados valores económicos. No total o proprietário José Francisco da Silva desembolsou a quantia de 86.157\$540.⁸⁴

Nos trabalhos de restauro participaram também diversos artistas locais e estrangeiros, onde se procurou restaurar a estética inicial do espaço. Foi da autoria do novo proprietário elaborar também a modernização dos principais sistemas e infraestruturas dos jardins, assim como o aumentar a área de produção agrícola existente no espaço.⁸⁵

As obras de restauro incidiram também sobre a estrutura arquitetónica do Palácio, onde foram introduzidos novos elementos decorativos, assim como também a construção da torre da capela, de corpo térreo, localizado a nascente do edifício.⁸⁶ Nesta fase foi realizado também a construção do coreto, área das cavalariças e a vacaria.⁸⁷

⁸² OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 104.

⁸³ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **“Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins”**. Licenciatura em Arquitectura Paisagista da FCT/UAlg; s.n., 2008.

⁸⁴ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 103.

⁸⁵ LAMEIRA, Francisco, «**Contribuições para o estudo da escultura oitocentista algarvia**», Anais do Município de Faro, nº XXI, 1991, Faro, p. 95.

⁸⁶ Idem, Ibidem. pp. 95.

⁸⁷ AZAMBUJA, Sónia Talhé – **“Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins”**. Licenciatura em Arquitectura Paisagista da FCT/UAlg; s.n., 2008.

—
Durante o processo de restauro, foram também realizadas obras de recuperação sobre os pavilhões de chá, onde se optou por proceder à ampliação destes espaços, como também a colocação de casas fresco e de um painel de azulejos no seu interior. Foi realizada ainda a recuperação da casa do presépio e de todos os pavimentos originais, assim como a implementação de mosaico estilo romano no local da cascata.⁸⁸

Foi ainda durante esta intervenção que é projetado o jardim das colunas. Pensa-se que as colunas foram introduzidas também durante este período, inspirado nas ruínas de Milreu, local histórico existente na aldeia de Estoi.⁸⁹

O sistema hidráulico foi também alvo de obras de restauro, onde se procedeu a modernização desta estrutura, adaptada para aquela época, através da ampliação da rede de caleiras existente e implementação de uma rede de gás para efetuar a iluminação dos jardins e foram substituídos os portões de entrada na quinta e palácio.⁹⁰

Durante esta obra foram também introduzidos no espaço diversos elementos decorativos nos jardins, como por exemplo as floreiras, vasos, pedestais. Foram introduzidos bancos em ferro, estátuas de mármore, estátuas de cerâmica, barro, realização de diversos trabalhos de estuque e a colocação de painéis de azulejos decorativos.⁹¹

O arquiteto e decorador Domingos António da Silva Meira responsável foi o responsável pela coordenação de todos os trabalhos, sendo que encomendou a maioria das peças decorativas à fábrica das Devezas em Gaia, Itália,⁹²

Foram contratadas também as Galerias Androny e de Louis Samain, nas cidades de Pisa e Roma, para elaborar também de diversas estátuas em mármore, existentes até aos dias de hoje no local. As esculturas foram encomendadas ao Atelier Ferdinand Fabri,

⁸⁸ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914, pp. 107.

⁸⁹ HORTA-CORREIA, José – “**O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?**” – Anais do Município de Faro (...) pp.

⁹⁰ MASCARENHAS, Maria – “**Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal**” pp. 41

⁹¹ LAMEIRA, Francisco, «**Contribuições para o estudo da escultura oitocentista algarvia**», Anais do Município de Faro, nº XXI, 1991, Faro, p. 95.

⁹² NOBRE, Glória Isabel Guerreiro, «**Subsídios para o estudo do azulejo no palácio de Estoi**», Anais do Município de Faro, vols. XXIX/XXX. 1999/00. Faro. P. 145.

na cidade de Florença, Itália, que realizou as esculturas em barro⁹³ sendo o escultor Gerbrüder Michel o autor das estátuas em cerâmica.⁹⁴

Os painéis de azulejos, foram elementos decorativos muito importantes e utilizados nos jardins em Portugal, principalmente a partir da segunda metade do séc. XVIII, altura em que foram todos introduzidos nos jardins do palácio.⁹⁵

Os pintores identificados nestes painéis são José Maria Pereira Júnior, da fábrica Viúva Lamego e José António Jorge Pinto, da Fábrica Constança.⁹⁶ O mobiliário exterior foi comprado a empresa de Manuel Marino e Companhia.⁹⁷

Em termos de serviços de Arquitetura Paisagista o proprietário comprou novos talhões, de forma a decorar o local de acordo com os valores contemporâneos, sendo gastou o valor de 5.686\$024. O projeto de Restauro teve também em conta as necessidades do espaço em termos de mobiliário urbano para jardins, com materiais nobres de pedra principalmente, originária de Itália, sendo que gastou a quantia de 10.634\$57,9. Na totalidade a obra de restauro sobre o Palácio e Quinta de custou 109.555\$85,9.⁹⁸

Os valores envolvidos nesta obra refletem o elevado poder económico do novo proprietário, José Francisco da Silva, que teve o seu investimento e empenho em Estoi reconhecido por parte do rei D. Carlos I, que condecorou o proprietário, com o título de Visconde de Estoi, no dia 4 de Janeiro de 1906. Esta condecoração foi o prémio por todo o trabalho desenvolvido ao nível do restauro do Palácio.⁹⁹

As obras de restauro foram concluídas no final do mês de Abril de 1909, sendo realizada a comemoração deste facto através de uma festa no dia 2 de Maio de 1909, com a abertura ao público do palácio, jardim e quinta, tendo sido gasto nesta festa o valor total

⁹³ MESQUITA, José Carlos Vilhena, op. cit. p. 23-28.

⁹⁴ LAMEIRA, Francisco, «**Contribuições para o estudo da escultura oitocentista algarvia**», Anais do Município de Faro, nº XXI, 1991, Faro, p. 95.

⁹⁵ NOBRE, Glória Isabel Guerreiro, «**Subsídios para o estudo do azulejo no palácio de Estoi**», Anais do Município de Faro, vols. XXIX/XXX. 1999/00. Faro. P. 145.

⁹⁶ Idem, Ibidem. pp. 104.

⁹⁷ MESQUITA, José Carlos Vilhena, op. cit. p. 29.

⁹⁸ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

⁹⁹ LAMEIRA, Francisco – “**Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi**” - Revista Monumentos, pp. 204

de 1.581\$41.5.¹⁰⁰ Nesta festa estiveram presentes diversas personalidades políticas, administrativas e económicas da cidade de Faro, como por exemplo o Bispo do Algarve assim como também a presença da população de Estoi, festa que foi um sucesso, conforme é possível verificar através dos documentos presentes no jornal “ O Algarve Ilustrado” daquela época.

José Francisco da Silva veio a falecer em 1926, com oitenta e seis anos, solteiro, sem deixar descendentes, acabando por deixar em testamento a posse do palácio e quinta de Estoi e todos os seus bens, para a sua familiar mais próxima, sua prima e afilhada D. Ana Zeferino, casada com o Sr. José de Brito e Melo.¹⁰¹

Foi também definido em seu testamento a vontade de que todos os seus bens deveriam ser vendidos após a morte deste familiar, sendo que o produto desta venda deveria ser entregue ao povo de Estoi, pedido semelhante ao anterior proprietário do imóvel.¹⁰²

Após o falecimento de D. Ana Zeferino, o palácio e quinta de Estoi foi herdado por parte da sua única filha, a D. Maria do Carmo Melo Assis Machado, casada com o Sr. António Bicker Correia da Costa, que utilizava o local apenas com a função de residência para períodos de férias até 1987.¹⁰³ ¹⁰⁴

Devido a residência principal da família localizar-se em Lisboa, assim como as atividades profissionais, o Palácio e Quinta de Estoi voltou a ficar em segundo plano e por um período de abandono, devido a falta de Manutenção adequada.¹⁰⁵

Em 1982 o estadista e diplomata Manuel Teixeira Gomes, natural de Portimão e ex-presidente da República, descreveu o estado de degradação da área de intervenção.

“Situação admirável entre jardins e pomares meio abandonados, estendendo-se por lagos tabuleiros ou terraços sobrepostos, nobres escadarias, elegantes balaústres e

¹⁰⁰ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

¹⁰¹ MASCARENHAS, Maria – **“Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal”** pp. 44

¹⁰² MESQUITA, José Carlos Vilhena, op. cit. p. 21.

¹⁰³ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

¹⁰⁴ LAMEIRA, Francisco – **“Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi”** - Revista Monumentos, pp. 204

¹⁰⁵ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

—
*graciosos miradoiros. Vástidíssimo horizonte. Abrangendo a costa por sobre uma infinita várzea toda coalhada em floridas amendoeiras, onde predomina o vermelho, e que parecem ampliar os jardins do palácio, levando-os até ao mar longínquo e faiscante. Cinco ciprestes gigantescos, seculares, augustos, postos em filam forma cortina e apresentam a secante necessária às mutações da perspectiva. Murmúrios de água corrente por entre vetuistas laranjeiras, moitas de alecrim e goivos, maciços de buxo e canteiros de narcisos.”*¹⁰⁶

A situação de degradação do espaço provocou também o desaparecimento de inúmeras espécies ornamentais, como também de grande parte da área produtiva da quinta. Contudo o palácio acabou por continuar a ser habitado por parte desta família em períodos de férias, onde foram realizadas pequenas reparações e pinturas gerais, durante os finais da década de 50 e a década de 70.¹⁰⁷

O estado de conservação, assim como os elevados custos necessários para efetuar novo restauro sobre o espaço terá sido um dos principais motivos que levou a esta família a vender o palácio e quinta de Estoi à Câmara Municipal de Faro, no ano de 1987. Após a compra realiza-se a abertura dos jardins ao público.¹⁰⁸

Durante a posse de D. Maria da Luz Melo Assis Machado, o Palácio e quinta de Estoi é atribuída a classificação de Imóvel de Interesse Público no ano de 1977.¹⁰⁹

Após a compra do Imóvel por parte da Câmara Municipal de Faro verificou-se o estado do espaço, sendo que devido a vários anos desabitado o Palácio e Quinta de Estoi necessitava novamente de novas obras de restauro, de acordo com o valor histórico dos elementos existentes, assim como também a necessidade de manutenção no que respeita aos seus espaços verdes.

Este tipo de operações de restauro requerem elevados custos económicos, devido a grande dimensão do espaço, como também sobre os diversos processos de restauro necessários a realizar sobre os vários elementos arquitetónicos, esculturas, pinturas,

¹⁰⁶ In A Capital, nº 4 5 91, (1982-04-14). P. 9.

¹⁰⁷ MASCARENHAS, Maria – “Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal” pp. 41

¹⁰⁸ LAMEIRA, Francisco – “Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi” - Revista Monumentos, pp. 204

¹⁰⁹ DECRETO-LEI nº 129/77, D.R. 226, 1977-09-29).

—
azulejos, elementos estes que exigem também recurso a técnicos especializados neste tipo de serviços.

A primeira intervenção de restauro após a compra do imóvel é realizada em 1992, por parte da DGEMN – Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais – e DRSMS – Direção Regional de Serviços de Monumentos do Sul, onde se procedeu aos trabalhos necessários, como a reconstrução dos telhados, substituição das caixilharias e recuperação do reboco do edifício. Posteriormente foi também removido o sistema de drenagem de águas pluviais antigo e construiu-se nova rede de drenagem de águas residuais domésticas. Estas obras procuraram também diminuir os problemas do edifício em termos de humidades capilares.¹¹⁰

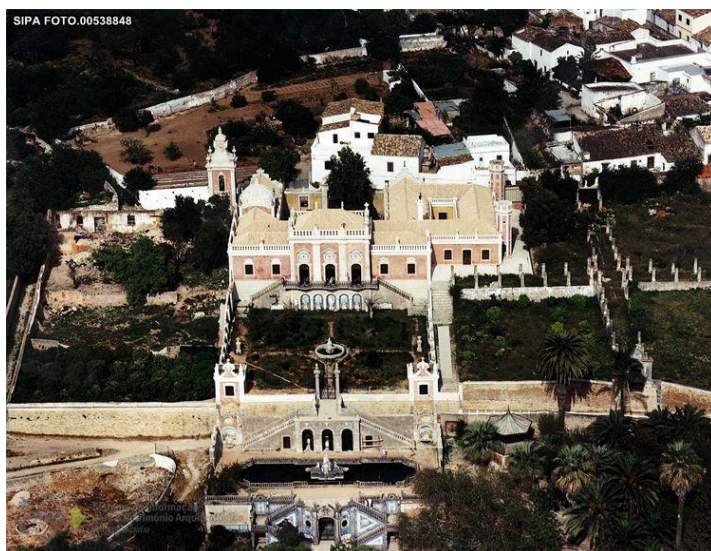


Figura 7 – Fotografia Palácio de Estoi, Fonte: site Monumentos.pt

As obras de conservação foram realizadas a cargo da Câmara Municipal de Faro e solicitadas à DGEMN, realizado e financiadas as obras pelo programa de apoio PIDDAC – Plano de Investimento de Defesa e Valorização do Património Cultural.¹¹¹

¹¹⁰ SIPA

¹¹¹ MASCARENHAS, Maria – “Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal” pp. 42



Figura 8 – Faro, salão nobre de Câmara Municipal Faro, Dezembro de 1987. Assinatura do protocolo de aquisição, para o município, do palácio e jardins do Visconde de Estoi. Na fotografia o presidente João Negrão Belo e D. Maria da Luz Melo Machado Bicker da Costa. Fonte:

A intervenção realizada por parte da Câmara Municipal de Faro, incluiu também todo o trabalho de recuperação realizado sobre o Palácio e Quinta de Estoi, de forma a recuperar a identidade do local, alvo de um projeto de arquitetura Paisagista elaborado por parte do arquiteto paisagista João Ceregeiro.¹¹²

O projeto venceu o concurso na área do Programa de Apoio a Projetos – piloto, para a categoria de Conservação do Património Arquitetónico Europeu, promovido por parte da Comissão das Comunidades Europeias, pertencente à categoria de “Jardins de valor histórico” no ano de 1993.¹¹³

Embora o projeto tivesse conquistado o prémio neste programa europeu, não viria a ser executado na plenitude a intervenção sobre a área da quinta de recreio.¹¹⁴

Em 1993 é organizada a segunda fase de intervenções, na qual são efetuados trabalhos de restauro sobre as pinturas murais presentes nas casas de fresco, estuques na cúpula da igreja e sobre figuras em barro, presentes na casa do presépio.¹¹⁵

¹¹² AZAMBUJA, Sónia Talhé – “**Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins**”. Licenciatura em Arquitetura Paisagista da FCT/UA1g; s.n., 2008.

¹¹³ LAMEIRA, Francisco – “**Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi**” - Revista Monumentos, pp. 204

¹¹⁴ MASCARENHAS, Maria – “**Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal**” pp. 43

¹¹⁵ Idem, Ibidem. pp. 43.

—
O palácio veio mais tarde a ser alvo de um projeto de ampliação e adaptação para a função de pousada, através de um acordo celebrado entre a Câmara Municipal de Faro, proprietária do imóvel, a DGEMN e a ENATUR – Pousadas de Portugal, a 23 de Junho de 1999.¹¹⁶

Neste acordo foi realizado um protocolo que contemplou as cedências sobre área do palácio e todas as suas dependências, logradouros e jardins à ENATUR, pelo prazo de cinquenta anos, renováveis, com o compromisso de adaptar o espaço para a função de pousada histórica.¹¹⁷

À Câmara Municipal de Faro ficou responsável por executar todas as necessárias sobre as infraestruturas de águas, esgotos e eletricidade, iluminação dos jardins, recuperação dos jardins e manutenção. Era também da responsabilidade da autarquia proceder a cedência à ENATUR, do edifício situado na quinta de recreio, utilizado atualmente para alojar funcionários afetos aos serviços associados à Pousada e atual salão de eventos. A conclusão das obras estava prevista para Junho de 2003.¹¹⁸

Contudo o projeto não foi executado, sendo que devido a alterações na Câmara Municipal de Faro, foi necessário assinar um novo protocolo com a ENATUR, a 10 de Janeiro de 2003, acontecimento que teve também a presença do ministro da economia Dr. Carlos Tavares. Neste documento foram alteradas as ações associadas que cada uma das partes envolvidas no processo estava a comprometer a realizar durante o período de cedência do local.

As principais infraestruturas viárias de acesso ao Palácio, abastecimento de água, drenagem, esgotos e no que refere ao fornecimento de energia elétrica, continuaram a ser responsabilidade da autarquia, enquanto a responsabilidade da elaboração e execução dos projetos ficou a cargo da ENATUR.¹¹⁹ Estas alterações foram benéficas para a autarquia, permitiram a redução dos encargos económicos com o espaço, a longo prazo. O desenvolvimento do projeto de ampliação e adaptação do Palácio de Estoi para a função de pousada histórica, ficou a cargo do arquiteto Gonçalo Byrne.

¹¹⁶ LAMEIRA, Francisco – “Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi” - Revista Monumentos, pp. 204

¹¹⁷ *Idem, Ibidem.* pp. 104.

¹¹⁸ MASCARENHAS, Maria – “Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal” pp. 43

¹¹⁹ *Idem, Ibidem.* pp. 44

—
Este facto juntamente com a ausência de verbas por parte do governo para a instalação das infraestruturas de apoio básicas – esgotos, iluminação e pavimentação das vias de acesso, levou ao adiamento das obras e também a um processo de revisão sobre o projeto.¹²⁰

Após longos anos de impasses e incertezas, o projeto aprovado para o palácio de Estoi é finalmente iniciado em Março de 2007.

Este último protocolo celebrado entre a CMF e a ENATUR permitiu concorrer ao apoio para o financiamento da execução da obra, por se tratar de um local histórico, através de verbas disponíveis e previstas no Programa Operacional do Ambiente e do PIPITAL - Programa de Investimentos Públicos de Interesse Turístico para o Algarve.¹²¹ Após longos anos de impasse e interrupções, foram terminadas as obras, em Março de 2007.¹²²

1.6 O Arquiteto

A autoria do projeto da Quinta histórica do Palácio de Estoi, foi durante bastante tempo alvo de dúvidas e de várias hipóteses. Após vários estudos desenvolvidos sobre este tema, desenvolvido por parte do historiador José Horta Correia, é possível identificar como autor do projeto o arquiteto Manuel Caetano de Sousa, Arquiteto envolvido também nas obras do Palácio Nacional de Queluz, e do jardim Botânico do Palácio da Ajuda.¹²³

Durante bastante tempo de acordo com a informação existente, era descrito como hipótese mais credível por parte do Professor Francisco Lameira, que tinha a tese para a definição do autor do projeto a relação de amizade entre a rainha D. Maria I e a esposa do proprietário do Palácio e Quinta de Estoi, coronel Carvalhal e Vasconcelos, sendo que

¹²⁰ *Idem, Ibidem.* pp.44

¹²¹ LAMEIRA, Francisco – “Contributos para o estudo da arquitectura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi” - Revista Monumentos, pp. 204

¹²² MASCARENHAS, Maria – “Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal” pp. 44

¹²³ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro Vols, XXXVIII – 2016. pp. 80

—
fruto desta amizade e proximidade poderia ser o autor do projeto o arquiteto Mateus Vicente de Oliveira.¹²⁴

A autoria do projeto por parte do arquiteto Mateus Vicente de Oliveira é contrariada recentemente através da publicação científica do Professor José Horta Correia, publicado nos Anais do Município de Faro Vol. XXXVIII, da Câmara Municipal de Faro em 2016.¹²⁵

Este artigo contém novas informações sobre este tema, sendo que contraria a versão anterior devido ao falecimento do arquiteto Manuel Vicente de Oliveira em 1785 e substituído pelo arquiteto Manuel Caetano de Sousa nas obras do Palácio Nacional de Queluz.¹²⁶

Manuel Caetano de Sousa (1742-1802) nasceu em Mafra, filho e discípulo de Caetano Tomás de Sousa, uma das figuras mais importantes do estaleiro do convento. Em 1762 utilizava título de arquiteto e ocupava o posto de capitão da companhia de ordenanças da corte. Acumula funções em 1782, com o posto de sargento-mor, para o real corpo de engenheiros, onde terminou a sua carreira como coronel. Em termos profissionais associava a qualidade de arquiteto à de engenheiro militar, vindo a ocupar todos os cargos de arquitetura sucedendo nomeadamente a Mateus Vicente de Oliveira como arquiteto das obras públicas.¹²⁷

Manuel Caetano de Sousa, trabalhava em diversas áreas como por exemplo arquitetura civil, paisagista, religiosa, utilitária e militar, o que identifica bem o seu ecletismo estético, onde a formação de base barroca com a simplificação pombalina e utilitária, e com a presença de decorativos rocaille. O arquiteto conseguiu também compatibilizar um estilo barroco simplificado, mas coerente com o período neoclássico.

128

¹²⁴ AZAMBUJA, Sónia Talhé – “**Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins**”. Licenciatura em Arquitectura Paisagista da FCT/UAlg; s.n., 2008.

¹²⁵ HORTA-CORREIA, José – “**O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?**” – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016. pp. 81

¹²⁶ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação**. [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

¹²⁷ HORTA-CORREIA, José – “**O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?**” – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016. pp. 81

¹²⁸ *Idem, Ibidem*. pp. 81

—
O arquiteto trabalhou em diversas obras de ampliação na “Real Barraca”. São seguramente da sua autoria o mirante do jardim das damas, o Jardim Botânico da Ajuda, se evidencia a monumental escadaria barroca similar com a existente no palácio de Estoi.

129

Pela mesma época trabalhou também no projeto dos jardins de Caxias e nos jardins de Belém, enquanto Robillion ultimava os jardins de Queluz. Enquanto Queluz era executado o mais possível à francesa, das quintas de recreio tirava partido a morfologia dos terrenos para implementar um ambiente barroco à italiana. Ao tomar posse do lugar de arquiteto da Casa do Infantado, Manuel Caetano de Sousa substitui Mateus Vicente de Oliveira em Queluz (Robillion já havia falecido) podendo-se-lhe atribuir o átrio da sala do trono, arcádia, tripartida de ângulos oblíquos, e seguramente o chamado “palacete”, propriedade a sul da fachada leste.¹³⁰

Ainda na qualidade de arquiteto da Casa do Infantado participou também em projetos como o restauro do paço da Bemposta, a biblioteca de Mafra e o novo Palácio da Ajuda em 1796. Por último participa também no projeto de dois edifícios, o palácio do Mantigueiro e a sua própria casa frente à fábrica das sedas, e o aqueduto de Óbidos.¹³¹

A segunda fase do projeto é realizada por parte de outro autor, neste caso o arquiteto e decorador Domingos António da Silva Meira, responsável também por coordenar os trabalhos de restauro para o Palácio de Estoi. As obras foram iniciadas em Janeiro de 1893, sendo da sua autoria a implementação de diferentes obras de arte que pontuam todo o espaço, peças de arte provenientes de artistas nacionais e internacionais.

¹²⁹ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016. pp. 82.

¹³⁰ CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – **Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação.** [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

¹³¹ – HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016. pp. 82

2. Estudo da Quinta

2.1.1 Edificado – O Palácio

O Palácio de Estoi enquadra-se em termos das suas características arquitetónicas num conjunto de elevado valor histórico, classificado como imóvel de interesse público, composto por um edifício de piso único, com interiores decorados com base nos modelos setecentistas e no estilo do rei Francês Luís XV.¹³²

Através da planta do Palácio e Quinta, é possível observar, ao nível do desenho de projeto de acordo com um tipo de traçado original de princípios do estilo barroco.¹³³ O Palácio e Quinta de Estoi contém também, diversas influências associadas aos jardins portugueses, e utilização de vegetação exótica, importada para Portugal durante a fase das descobertas e ocupação das colónias africanas, orientais e no Brasil.¹³⁴

A quinta é definida pela sua estrutura biaxial ortogonal, com um eixo principal centralizado, conforme os modelos italianos do período barroco.¹³⁵

Na área de intervenção podemos encontrar diversos espaços como jardins, área agrícola, composta por hortas e pomares, elementos fundamentais na história deste local e na estrutura da tipologia de quintas de recreio.¹³⁶

A estrutura dos jardins é formada por um tipo de configuração de em forma de “pata de ganso” com a presença de alamedas sobre as diferentes entradas para o espaço. É possível também identificar neste local a presença de elementos decorativos típicos nos jardins barrocos como por exemplo tanques, cascata, gruta, painéis de azulejos e outros elementos decorativos como estátuas, vasos, balaustradas e sebes de buxos talhadas.

¹³² OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

¹³³ AA. VV., **Jardins; Palácio de Queluz, Dicionário da Arte Barroca em Portugal**. Editorial Presença, Peres-artes gráficas, Lda Lisboa, 1989, p. 236 – 238 e p. 390 – 395; CASTEL-BRANCO, M. Cristina F. Ataíde – O Lugar e o Significado, Os jardins dos Vice-Reis. Tese de doutoramento em Arquitetura Paisagista apresentada ao Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa., 1992, p. 98 – 104.

¹³⁴ Para saber mais sobre as influências orientais integradas no jardim português, consultar: CASTEL-BRANCO, M. Cristina F. Ataíde, op. cit. p. 96 – 98 e 123 – 124.

¹³⁵ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

¹³⁶ *Idem, Ibidem*. pp. 104.

Os edifícios da cavalaria e da vacaria, a torre da capela e o “corpo” térreo adicionado ao edifício principal, forma projetados em harmonia com as edificações existentes. O jardim situado a nascente do edifício principal, de reduzida dimensão devido a expansão do edifício, foi igualmente sujeito a alterações. Aqui adivinha-se a inspiração nas ruínas da vila de Milreu, que ficam nas proximidades.¹³⁷

Nesta fase é também realizada a construção do coreto e a introdução de um extenso conjunto de elementos decorativos no Palácio e quinta, sob a temática principal deste projeto, com objetivo de recuperação do ambiente fantástico, festivo e artístico, que caracteriza o período barroco. Foram também adicionados dois pavilhões de chá, em cada extremidade do jardim, na área do portão de entrada, que dá acesso ao patamar do edifício nobre, decorados no seu interior com pinturas de frescos que ilustram paisagens e elementos florais.¹³⁸

O eixo principal da quinta de recreio foi reforçado com a introdução de alguns exemplares de nespereira na alameda principal, que faz a ligação entre a casa da cascata, até ao portão da entrada principal.¹³⁹

Figura – Palácio de Estoi em 1997 / Fonte: monumentos.pt



Figura 9 – Palácio de Estoi em 1997 / Fonte: monumentos.pt

¹³⁷ HORTA-CORREIA, José – “O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?” – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016. pp. 81

¹³⁸ MASCARENHAS, Maria – “Análise comparativa entre as metodologias de restauro de jardins e sítios históricos praticadas na Holanda e em Portugal” pp. 45

¹³⁹ *Idem, Ibidem.* pp. 46.

—

A zona exterior do Palácio é composta pelos seus jardins e quinta de recreio, de elevado valor estético projetados de acordo com as características barroca, composto por três planos diferentes, de forma a beneficiar e usufruir das diferentes perspetivas sobre o terreno. A área de intervenção é localizada numa zona de declive acentuado, onde o desnível é vencido através do recurso a escadarias de lanços opostos que se adaptam ao terreno de uma forma harmoniosa.¹⁴⁰

O Palácio de Estoi e Quinta de Estoi caracteriza-se assim como o jardim histórico mais importante da região do Algarve, sendo um dos melhores exemplares deste tipo de construção barroca em Portugal.

2.1.3 Outros elementos

A área de Quinta de Recreio caracteriza-se por ser um espaço de elevada complexidade e diversidade. Existindo a Este, o edifício de atualmente identificado como Salão de Eventos, as antigas cavalariças, a presença de vários talhões de hortas agrícolas na parte superior desde último espaço, bem como a presença de pomares, espaços muito importantes na estrutura da quinta, que representava uma fonte económica importante através da produção e comercialização do cultivo de diversos produtos agrícolas e medicinais.

A construção do coreto e a introdução de um extenso conjunto de elementos decorativos mostra bem a identidade deste local, projetado de forma a proporcionar um ambiente fantástico e festivo aos seus utilizadores.

¹⁴⁰ OLIVEIRA, Francisco Xavier de Ataíde de – **Monografia de Estoi**, Companhia Portuguesa, Porto, 1914. pp. 104.

2.1.4 Estrutura verde

Em termos da estrutura verde presente na quinta histórica do Palácio de Estoi é composta por diversos jardins e sua área de quinta de produtiva, de elevada dimensão. É possível observar também a presença de uma grande diversidade de espécies botânicas, de elevado valor histórico, como por exemplo os ciprestes pertencentes a primeira fase de construção da área de intervenção. Estes elementos estão diretamente associados às diferentes fases de construção deste espaço, constituindo-se como elementos fundamentais para compreender a sua evolução até a atualidade.

No que respeita aos vários jardins presentes na Quinta do Palácio de Estoi, verifica-se a presença do jardim dos Bustos, o jardim do Carrascal e o jardim das Colunas. Os jardins enquadram-se nas características típicas do período barroco, onde podemos observar a utilização de vegetação arbustiva em forma de *parterre* de buxos – *buxus sempervirens* L., espécie muito utilizada nos jardins barrocos franceses e italianos.

O jardim do Carrascal localiza-se no interior do edifício do Palácio de Estoi, sendo o jardim de menor dimensão. Este espaço caracteriza-se por ser mais intimista, de características barrocas, com um desenho de projeto em quadripartição. Podemos observar vegetação arbustiva e arbórea, com a presença na área central, de uma fonte, pertencente à intervenção realizada no séc. XIX.

Neste jardim é possível observar em termos das espécies a presença de vegetação arbustiva dos típicos “parterres” com Buxos como *Buxus sempervirens* L., com a presença de também de espécies arbustivas como por exemplo *Cycas revoluta* thumb. – *Sagu-de-jardim*, e *Yucca elephantines*. Em termos de vegetação arbórea verifica-se a presença de *Morus Alba*, e de *Junglan repens*.

O Jardim dos Bustos insere-se também nas características de estilo barroco, como um jardim de geometria definida na forma de quadripartição, com recurso a utilização também de “*parterre*”, similar ao existente como no jardim do Carrascal. Este espaço consiste numa continuidade entre o edifício do Palácio e o espaço exterior, onde se realiza a ligação com a área da quinta de recreio.

—
Em termos das espécies utilizadas no Jardim dos Bustos, verifica-se a presença de quatro canteiros, com a presença de espécies arbustivas como *Cycas revoluta* e também um elemento arbóreo de Romãzeira.

O Jardim das Colunas localiza-se a Este do edifício do Palácio, com o mesmo tipo de princípios do estilo Barroco, com um tipo de desenho de projeto com linhas geométricas, que define estes espaços em quadro partes.

Este espaço passou por uma fase de grande transformação, atualmente verifica-se a presença de quatro áreas diferenciadas. Com a presença de um pomar de Citrinos – *Citrus limonium*, e outro pomar de sequeiro - *Prunus dulcis*. Podemos também observar nesta área a presença de um jardim de características contemporâneas, realizado na última intervenção. Neste espaço, é possível observar a replicação do mesmo tipo de linguagem de desenho de projeto, de base geométrica, com a presença de espelhos de água, acompanhados com espécies arbustivas como *Cyperus alternifolius*, *Cyperus papyrus*, *Tamarix gálica L.* – “Tamargueira”, *Pennisetum compressum R. Br.* – “Plumas”. Na zona deste jardim verifica-se a presença na área envolvente de espécies como *Olea europea L.* -Oliveira, e *Cupressus sempervirens L.* , ciprestes

O Jardim das Colunas é composto a Sul por dois pomares diferenciados. O pomar de sequeiro com vários exemplares de *Prunus dulcis* – “amendoeira. Nas laterais podemos observar a presença de conjunto formado por uma plantação de espécies arbustivas e arbóreas, nomeadamente *Teucrium fruticans* e *Chamaerops humilis*. Em termos de vegetação arbórea verificou-se a presença após levantamento botânico no local de exemplares como *Olea europea* – oliveira, *Cupressus sempervirens* – cipreste, *Ficus carica* – figueira-comum.

Verifica-se também a presença de um pomar de regadio, com vários exemplares de *Citrus limon* – “limoeiro. Os percursos são compostos também pela presença de alinhamentos de *Arbutus unedo* – medronheiro, que acompanham os percursos nas suas laterais.

Na área afeta à quinta de recreio, localiza-se espaços de grande dimensão, com a presença de vegetação diversificada, com dois pomares de laranjeiras, *Citrus sinensis*,. Na área superior da Quinta, podemos observar a presença de pomares de sequeiro e

—
antigas hortas agrícolas, atualmente desativadas na área das antigas Cavalariças, com vários talhões de Hortas.

Ao longo do eixo principal é possível observar a presença de várias espécies arbóreas, como exemplares de *Jarancada mimosifolia*, jacarandá, e a presença de árvores de fruto, como nomeadamente *Eriobotrya japonica* (thumb) Lindley – “nespereira”.

Na área envolvente do Mirante, localizada a Sul, verifica-se a presença de um exemplar de *Schinus molle*, assim como a de vários de *Olea europea* - oliveira, que acompanham todo o muro.

Na área onde se localiza o mirante, verifica-se a presença de diferentes exemplares arbóreos, como as espécies *Schinus molle*, *Eriobotrya japonica* (thumb) Lindley – nespereira e *Olea europea* – oliveira, que pontuam este percurso ao longo dos muros, com a presença também de *Eriobotrya japonica* – nespereira.

A zona a Sul do Palácio, espaço com pouca vegetação, é utilizado atualmente para estacionamento, onde podemos observar a presença de vários exemplares de *Platanus orientallis* – plátano.

2.1.5 Elementos Escultóricos e Decorativos

A quinta histórica do Palácio de Estoi concentra no seu interior uma vasta coleção de elementos escultóricos, decorativos e artísticos de elevado valor histórico. Colocados de forma harmoniosa, e que pontuam todo o espaço. Foi possível identificar também a presença de diversas estátuas, representativas dos camponeses daquela época.¹⁴¹

Em termos dos elementos decorativos, é possível observar também a presença de diversos painéis de azulejos, elementos muito utilizados ao nível de decoração em restaurantes, cafés, e estações de comboio da década de 1890.

¹⁴¹ NOBRE, Glória Isabel Guerreiro - *Contribuições para o Estudo das Artes Ornamentais no Algarve: o Azulejo no Palácio de Estoi*. Lisboa, 1999.

—
Para a realização desta parte da obra, foram encomendados pelo proprietário, diversos quadros, a diferentes artistas importantes daquele tempo, onde se destacam obras de artistas como Maria Betetta e Adolfo Greno.

Estes quadros foram utilizados para decorar o interior do edifício do Palácio, alvo de profundas obras intervenção profunda de restauro sobre o Palácio. Na área pertencente aos jardins e quinta foram também decorados com diversos painéis de azulejos provenientes do autor Pereira Júnior, também conhecido por Pereira Cão, obras com data de 1899-1904.¹⁴²

Na área pertencente à quinta histórica do Palácio de Estoi das escadarias que dão acesso à quinta, observa-se a presença de um elemento muito importante nas quintas de recreio, com a presença de uma casa de fresco, decorada com vários detalhes elaborados com mosaicos e seixos cor-de-rosa, com a presença de uma escultura que imita as «*Três Graças*» de Canova. É possível também observar no interior deste espaço características próximas do neoclassicismo.¹⁴³ Na área da cascata temos a presença de estátuas de Vénus e Diana.¹⁴⁴

Na área dos jardins verifica-se também a presença de diversas estátuas de grandes pensadores do séc. XIX, como por estátuas de Bismark, Moltke, Goethe, Schiller, e também a presença de estátuas de personalidades importantes como Luís Vaz de Camões, Milton.¹⁴⁵

Verifica-se também a presença de vários elementos decorativos ao longo do eixo central com a colocação de vários bustos de personagens importantes, como por exemplo Castilho, Bocage, Garrett e Marquês de Pombal.¹⁴⁶

2.1.6 Equipamentos e Mobiliário

Em termos de mobiliário urbano existente na área de intervenção é possível identificar bancos em mármore, com a presença também de outros elementos que não se

¹⁴² BINNEY, Marcus – **Casas Nobres de Portugal** – Lisboa, pp. 114.

¹⁴³ Idem, Ibidem, pp.pp. 114.

¹⁴⁴ GIL, Júlio – **Os mais belos Palácios de Portugal**. Verbo. pp. 105.

¹⁴⁵ Idem, Ibidem, pp. 106

¹⁴⁶ Idem, Ibidem, pp. 106

—
enquadram no tipo de características do local, sendo atualmente uma mistura entre equipamentos históricos de elevado valor com equipamentos mais recentes, de pouca qualidade, como bancos de jardim em madeira contemporâneos e equipamentos infantis, algo que tem vindo a descaracterizar o espaço.¹⁴⁷

2.1.7 Pavimentos

Em termos dos pavimentos existentes na Quinta histórica do Palácio de Estoi verifica-se a presença de diferentes tipos de pavimentos, resultado das várias intervenções realizadas ao longo do tempo.

No Jardim do Carrascal predomina o tipo de pavimento laje em mármore, de cor cinza, nos percursos deste espaço. Este percurso é acompanhado por uma área com pedra natural branca, faz a separação do percurso e o edifício.

No percurso dos jardins dos Bustos e jardim das colunas, verifica-se a presença de pavimento em terra batida e de pavimento em saibro compactado. No percurso que composto também pela presença do acesso em pavimento de tipo calçada de calcário ornamental, com pavimento em calçada de calcário irregular.

O jardim dos bustos verifica-se a presença de pavimento em terra batida, em conjunto com pavimento em calçada de calcário irregular de cor cinza, que circunda as áreas dos canteiros. Observa-se também a presença de pavimento em terra batida nos percursos existentes no interior dos jardins e na zona da área agrícola, com linhas de pavimento em calçada de calcário irregular, que define os limites dos vários percursos.

Os pavimentos na área adjacente ao Coreto, o tipo de pavimento é composto por calçada de calcário irregular e com a presença de pavimento de tijolo burro.

Na área do edifício do salão de eventos, os pavimentos existentes são feitos em calçada de calcário ornamental regular cinza com a presença de pavimento em calçada de calcário grada regular cinza. A área localizada a sul do palácio, atualmente como área de

¹⁴⁷ SILVA, José – **Peritagem sobre o estado de conservação do Palácio de Estoi em Faro** – Escola Superior de Tecnologia de Tomar Centro de Estudos de Arte e Arqueologia. Tomar. 1989.

–
estacionamento para eventos, com tipo de em blocos de concreto, pavimento resistente e possível de ser removível.

2.1.8 Sistema Hidráulico

A água nas Vilas Romanas / Quintas de Recreio consiste em um elemento fundamental, adaptado às características da região onde se insere, privilegia o jardim de tipo murado, com o elemento água fundamental nestes espaços. Utilizado principalmente com base no eixo de simetria, com utilização de fontes decorativas sobre eixos secundários. O espaço é tratado como uma composição total, sendo o elemento água utilizado com a intenção de ser tornar o espaço harmonioso, de forma a proporcionar o bem-estar, de quem utiliza o espaço.¹⁴⁸

O sistema hidráulico histórico da quinta do Palácio de Estoi de estilo barroco, tem em conta os princípios e métodos de aproveitamento de água utilizados nos jardins portugueses, de herança romana, com todos os conhecimentos hidráulicos, e com capacidade de efetuar a distribuição da água.

A civilização Romana introduziu vários conhecimentos importantes ao nível do sistema hidráulico, sendo da autoria dos romanos a construção de aquedutos, que permitiram a deslocação de água entre dois pontos distantes, conhecimentos complementados pela influência da sabedoria árabe ao nível da hidráulica, com os conhecimentos dos portugueses em jardins, através do armazenamento de água em tanques, cisternas, de forma a armazenar a água para as diferentes atividades agrícolas e pecuárias necessárias.¹⁴⁹

Após a introdução do período Barroco na cidade de Roma, Itália, foi durante este período colocados diversos elementos em prática no jardim da Roma imperial. O jardim passou a ser um visto como um sinal de prestígio das grandes famílias burguesas e nobres, sendo a água um elemento fundamental na arquitetura destes espaços.

¹⁴⁸ CASTEL-BRANCO, C. (coord.) – **A água nos jardins portugueses**. Lisboa: Scribe., 2010, p. 16.

¹⁴⁹ BINNEY, Marcus – **Casas Nobres de Portugal** – Lisboa, pp. 114.

—

A construção destes novos espaços como as Quintas de Recreio, utiliza também uma estratégia de patamares, de forma a vencer os desníveis e conseguir a captação de água de forma natural. A água passou a ser utilizada também posteriormente nos típicos “jogos de água” característicos dos jardins barrocos italianos, como por exemplo a criação de elementos como cascatas, canais inclinados, sendo exemplo deste tipo de espaços a Villa Lante, Villa D’ Este, Roma, onde se procedeu a implementação de repuxos, que proporcionavam novas sensações ao nível do projeto de jardins e quintas de recreio.¹⁵⁰

A construção dos jardins de conhecimentos clássicos, integrados nos jardins, promoveu o seu desenvolvimento, adaptando e aperfeiçoando estas novas ideias do período barroco, de forma a criar espaços de riqueza em termos gráficos, técnicos, funcionando com base em vários poços que são a base dos jardins barrocos.¹⁵¹

A quinta histórica do Palácio de Estoi encontra-se localizada numa área privilegiada em termos de água e linhas de água na sua envolvente, sendo muito importante para utilizar as técnicas do sistema hidráulico barroco, descrito anteriormente.

A quinta integra também no seu espaço as técnicas de água dos jardins portugueses, com um sistema bastante avançado para aquela época, fundamental na construção do palácio e quinta neste local. A área de intervenção beneficia de ser uma zona com bastante água, próximo da fonte principal de abastecimento da aldeia de Estoi. A disponibilidade de água é muito importante a proceder a rega dos espaços verdes, pomares, áreas agrícolas.¹⁵²

Através do levantamento topográfico efetuado com base nos documentos fornecidos pelo arquiteto paisagista João Ceregeiro, é possível observar a presença de um sistema hidráulico com poços, tanques, caleiras, fontes, elementos fundamentais para o armazenamento e e rega das diferentes pomares e hortas presentes na quinta.

O tanque principal localiza-se na zona central do palácio, com função recreativa, com ampla vista sobre toda a área da quinta, um local ideal, pontuado também por elementos escultóricos de elevada beleza que existem neste local, bem como a presença da capela.

¹⁵⁰ CASTEL-BRANCO, C. (coord.)— **A água nos jardins portugueses**. Lisboa: Scribe, 2010, p. 16.

¹⁵¹ Idem, *Ibidem*, p. 15.

¹⁵² Idem, *Ibidem*, p. 16.

—
Na zona das antigas Cavalariças é possível observar a presença de dois tanques, utilizados para armazenar a água, e posteriormente utilizar para as diferentes atividades da quinta e fundamental para proceder a rega, com recurso as caleiras existentes, que utilizam um sistema de rega gravitacional de forma a realizar a distribuição da água para todo o espaço, instrumento fundamental também para efetuar o aproveitamento das águas da chuva.

Através da consulta do documento da planta inicial do Palácio de 1800 e da sua legenda, podemos retirar diversos elementos importantes, nomeadamente que em termos hidráulicos observa-se a origem principal que seria a fonte pública da Aldeia de Estoi. Este facto é descrito na legenda da carta como a “fonte publica de ondeemão todas as aguas”, sendo que a ligação era feita posteriormente através de uma estrutura principal através de uma tubagem principal, neste caso “*O Cano principal q. leva as aguas ao seu destino.*” “*Cano que mete agua na parte superior por baixo de canos unidos a mesma.*”

153

Este tipo de estrutura descrita anteriormente é fundamental de forma a possibilitar o abastecimento de água na área de intervenção e proceder a utilização para a rega dos diferentes espaços agrícolas existente, conforme “*A servidão entre a quinta p’a mesma el.ª o lagar, costa velha.*” O tanque descrito como elemento fundamental para armazenar água, sendo “o tanque destinado para receber agua conduzida pelo cano”, de forma a ser “*O cano que ocorre através do quintal da praça para regadio da quinta.*” Sendo possível de concluir que o tanque situado na zona das cavaliças era o “*deposito das aguas da quinta*”, ou seja o depósito fundamental da quinta histórica do Palácio de Estoi.¹⁵⁴

Na área central é possível observar a presença de uma extensa rede caleiras no qual é feita a distribuição da água, canais de água fundamentais para proceder a rega das áreas agrícolas presentes na quinta do Palácio de Estoi, de forma a produzir os seus alimentos e outros bens essenciais produzidos na quinta, bem como de forma a preservar o carácter recreativo conferido por parte das áreas verdes existentes na área de intervenção.

¹⁵³ In D.P. Algarve, 516/63. Fl. 13, ANTT.

¹⁵⁴ In D.P. Algarve, 516/63. Fl. 13, ANTT.

O sistema hidráulico contempla ainda a presença de várias fontes, localizadas no eixo central do palácio e quinta, que proporcionam os típicos jogos de água característicos dos jardins barrocos, elementos decorativos para valorizar a espaço em termos estéticos, sendo que estes tipos de elementos foram pensados de forma a promover uma ordenação do espaço, alinhados de uma forma organizada e linear sobre o eixo principal que estrutura todo o espaço.

O Sistema Hidráulico antigo mantém-se, sendo que atualmente após a última intervenção sobre o Palácio e Quinta, foi substituído para um novo sistema de rega, moderno, adaptado às necessidades atuais, com utilização do sistema de rega por pulverizadores, aspersão e utilização de rega gota-a-gota.

2.2 Análise de documentos antigos

As fotografias mostram-nos um dos recursos iconográficos fundamental para a compreender a história do Palácio e quinta histórica de Estoi, como a Carta do Palácio de Estoi, por volta de 18000, existente na Biblioteca Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa, em que é possível observar a planta do palácio e da quinta histórica.

A partir deste documento é possível retirar várias informações nomeadamente das construções existentes, das funções de cada espaço naquela altura, como estava projetada a aldeia de Estoi em função da construção do Palácio, bem como perceber que tipo de vegetação existia através de observar os elementos que se encontram nesta peça desenhada.



Figura 10 – Planta original do Palácio e Quinta de Estoi por volta de 1800. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

Através da consulta deste documento histórico podemos retirar diversos elementos importantes, nomeadamente em termos hidráulicos com base no está transcrito neste documento observa-se que a fonte pública da Aldeia de Estoi era a “fonte publica de onde emanão todas as aguas”, sendo através de uma estrutura principal de forma a percorrer todo o espaço, uma tubagem principal, neste caso “*O Cano principal q. leva as aguas ao seu destino.*” “*Cano que mete agua na parte superio por baixo de canos unidos a mesma.*”

Outro dos elementos fundamentais que descrevem a utilizada d água e como era feita a rega dos jardins e quinta através de “A servidão entre a quinta p’a mesma el.^a o lagar, costa velha.” Sendo que o tanque seria um elemento fundamental para armazenar água, descrito como “o tanque destinado para receber agua conduzida pelo cano”, de forma a ser “O cano que corre através do quintal da praça para regadio da quinta.” É possível concluir que o tanque situado na zona das cavalariças era o “depozito das aguas da quinta”, ou seja o depósito principal da quinta para o armazenamento da água.¹⁵⁵

Nas fotografias observa-se o como era a quinta anteriormente, fotografias existentes do livro Monografia de Estoi, onde é possível observar o Palácio em plano de fundo, e se pode verificar a presença de alguns exemplares, que desapareceram.

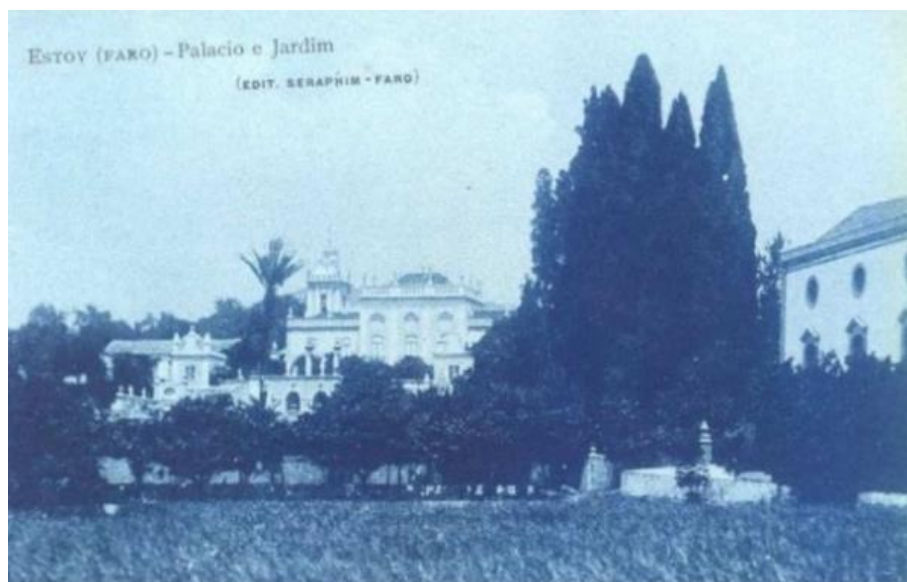


Figura 11 – Fotografia Palácio de Estoi. Fonte: Monografia de Estoi

¹⁵⁵ In D.P. Algarve, 516/63. Fl. 13, ANTT.

—
É ainda possível de observar uma linha de plantação de *Cupressus sempervirens*, dos quais ainda restam dois exemplares, que marcam um dos percursos, associado ao Salão de Eventos, bem como a presença de exemplares de *Phoenix dactylifera*.

No patamar inferior, são identificáveis as duas matas e os talhões agrícolas, praticamente inalterados. Apenas na mata dos ciprestes, observa-se uma grande estrutura oval no centro, possivelmente um lago, o que vem a confirmar a ideia que tinhas à cerca desta ser um local de prazer e reflexão

Nesta segunda fotografia (figura 12) é possível observar a presença dos pomares e os talhões agrícolas, sendo possível verificar também a presença de vários ciprestes, e um exemplar de *Phoenix dactylifera*, na área dos pomares e o edifício que funciona atualmente como salão de eventos.



Figura 12 – Fotografia Palácio de Estoi. Fonte: Monografia de Estoi

3 Plano diretor de Restauro e Intervenção

3.1 Princípios de Intervenção e Metodologia

Os princípios de Intervenção e metodologia desta dissertação, tem como base o esquema de restauro de jardins históricos para elaboração do Plano Diretor de Restauro proposto assim como as cartas e convenções internacionais sobre Património Paisagístico, onde se destaca a Carta de Florença, a Carta de Burra. Estes documentos formam a base da metodologia deste trabalho de forma a intervir em jardins históricos. E assim proceder a análise histórica de forma a compreender o interesse cultural, visual, patrimonial e ecológico deste espaço, de forma a a conceber a proposta de um Plano Diretor de Restauro e intervir corretamente sobre a área de intervenção.¹⁵⁶

Para foi necessário elaborar os levantamentos históricos, analisar a evolução da paisagem da quinta e proceder também aos levantamentos dos usos históricos e suas funções. É também importante proceder ao levantamento das estruturas existentes no local como as construções, vegetação, sistema hidráulico, de forma a interpretar os usos atuais, fluxos, áreas, aptidões deste local.

Foi também elaborado neste trabalho uma análise e diagnóstico SWOT sobre a área de intervenção, de forma a identificar os pontos fortes, fracos, ameaças e oportunidades, de forma a sustentar a proposta de Plano Diretor de Restauro da quinta do Palácio de Estoi.

Este trabalho é elaborado também através do cruzamento da informação recolhida, de forma a definir as prioridades para cada zona, tendo em conta o estado de cada espaço, a sua vulnerabilidade e necessidades. Com base nesta informação é definido os possíveis usos a propor para os diferentes espaços.

Após esta fase de análise e recolha de informação é elaborado o Plano Diretor de Restauro, proposta que é também acompanhada por um conjunto de objetivos e estratégias para a área de intervenção de forma a ser possível implementar a proposta.¹⁵⁷

¹⁵⁶ AZAMBUJA, Sónia Talhé – “**Slides das Aulas da unidade curricular de História de Arte dos Jardins**”. Licenciatura em Arquitetura Paisagista da FCT/UA1g; s.n., 2008.

¹⁵⁷ Adaptado de Cristina Castel-Branco, A.C.B. Lda, 19 Abril 2012 (a partir do *National Trust of England*).

3.2 Diagnóstico e Análise SWOT

A fase de Diagnóstico e análise SWOT consiste em identificar e elaborar um Plano sobre a área de intervenção de forma a analisar os seus valores fortes, fracos, oportunidades e fraquezas.

Em termos dos pontos fortes, fatores internos foram identificados vários pontos de elevado valor na área de intervenção, sendo o Palácio de Estoi classificado como imóvel de interesse Público, a localização privilegiada, a presença de um engenhoso e histórico sistema hidráulico, muito importante para a rega da sua área agrícola e jardins, fatores que representam a história deste espaço e as vivências daquela época.

É possível também identificar como pontos fortes a presença de uma extensa coleção de esculturas, estátuas e bustos, representativas dos grandes pensadores e figuras históricas, obras estas realizadas por diversos artistas. Estas obras estão dispostas sobre o espaço de forma pontual, que conferem a este local uma beleza estética e grandiosidade, funcionando como uma galeria de arte em pleno jardim. Possível de ser usufruída por parte da população em geral, onde se complementa com a presença de uma diversidade de vegetação, com a existência de diversos exemplares muito antigos, algumas destas espécies pertencentes ao desenho de projeto original pertencente ao século XVIII.¹⁵⁸

Em termos das Fraquezas, fatores internos, foram identificados vários problemas neste espaço, como por exemplo a falta de manutenção em alguns espaços. Verifica-se também a falta de falta de manutenção nos jardins, que tem provocado a perda de vegetação histórica como por exemplo os antigos ciprestes, que só restam atualmente dois exemplares.

Identifica-se também o abandono da área da quinta, em contraste com a boa manutenção na área dos jardins do palácio. Na área da quinta do palácio de Estoi é possível observar o abandono das áreas produtivas como por exemplo os pomares de citrinos. Também se verifica alguma degradação ao nível dos percursos existentes no local. Outro fator negativo é também o acesso a quinta apenas através do Palácio,

¹⁵⁸ In D.P. Algarve, 516/63. Fl. 13, ANTT.

—
funcionando o espaço como privado praticamente, sendo que poderia beneficiar da abertura do espaço público e assim atrair um volume maior de visitantes para o espaço.



Figura 13 - Fotografia quinta do Palácio de Estoi. Fonte: Autor.

Em termos das oportunidades, fatores externos, trata-se de um local histórico de elevado valor Patrimonial, com um grande potencial para explorar. O espaço poderia beneficiar bastante de funcionar como jardim público, sendo este o jardim histórico de maior valor da Região do Algarve, sendo que poderia ser um fator de interesse para atrair maior população para o concelho de Faro e vila de Estoi. Este espaço contempla um ambiente cultural de excelência, com várias peças decorativas e escultóricas no seu interior, bem como várias obras de Arte no interior do Palácio. Este tipo de valores poderá ser utilizado para promover o conhecimento sobre jardins históricos, sobre a história dos Jardins e também poderia beneficiar da ligação para o turismo de jardins históricos, e com esta fato poder realizar diversas atividades culturais, como por exemplo recriações de época, palestras, eventos de caráter nobre.

No interior do Palácio de Estoi verifica-se também a presença de vários elementos de interesse, sendo um local único na região do Algarve, e com se a área da quinta fosse aproveitada de acordo com o seu potencial, com atividades como restaurar a sua área produtiva e efetuar o também o tratamento e recuperação da vegetação histórica existente no espaço.

—

Em termos de ameaças, fatores externos, após a análise sobre o espaço observa-se a falta de manutenção em vários espaços da área de intervenção, falta de identidade, como é exemplo o novo jardim infantil criado na área adjacente ao edifício do salão de evento, onde se procedeu a um tipo de proposta incorreta, que não se enquadra na história deste local. Constituindo-se como um espaço a parte de toda a sua área envolvente. Compreende-se o motivo da implementação de tal espaço, mas este tipo de intervenção em jardins históricos é incorreto, sendo que deve ser tido em conta os seus valores, e procurar apresentar propostas que integrem de acordo com o local.

Outra possível ameaça que poderá acontecer sobre a área de intervenção, como atos de vandalismo, em caso de por exemplo a área da quinta funcionar como jardim público, devido ao elevado volume de peças de arte existentes no local, poderá haver o risco de em caso de não ser feito corretamente correr o risco de perder elementos históricos existentes na área de intervenção.

Outro dos fatores de ameaça de descaracterização da quinta histórica do Palácio de Estoi foi a transformação de parte da quinta em estacionamento, de forma a dotar o espaço de capacidade para receber os utilizadores da Pousada e clientes, assim como receber eventos neste local.



Figura 14 – Fotografia jardim infantil – Fonte: Autor.

—

Este tipo de alteração não se enquadra também nos valores do período barroco e das características deste espaço, sendo que vem desvirtuar o espaço, sendo que com a continuação deste tipo de alterações sobre a área de intervenção poderá vir num futuro a provocar a completa descaracterização, existindo apenas o edifício e os seus jardins como elementos “vivos” representativos da história deste local.



Figura 15 - Fotografia Estacionamento Fonte: Autor

3.3 Proposta

A dissertação de mestrado concretiza-se através da proposta de um Plano Diretor de Restauro e intervenção para a área de intervenção, de acordo com os princípios de intervenção e metodologia descritos anteriormente. A filosofia de abordagem foi realizada de acordo com as regras para intervir em locais históricos, sendo que a proposta procura intervir de forma global sobre todas as áreas deste espaço.

O plano Diretor de Restauro reúne um conjunto de propostas, objetivo e estratégias para o espaço. Para a área afeta ao Jardim do Carrascal, espaço que se encontra em bom estado atualmente, pretende-se efetuar a preservação das espécies existentes, procurando preservar este local através da sua manutenção.

—
Para o Jardim das Colunas pretende-se efetuar a preservação das espécies existentes, realizar a sua manutenção dos diversos elementos escultóricos e reforçar a estrutura de pomares existentes nesta área. Para intervir neste espaço verifica-se também necessidade de proceder ao reforço dos pavimentos nos percursos.

No jardim dos Bustos pretende-se proceder ao restauro da vegetação sobre os canteiros existentes, efetuando a preservação das espécies existente no espaço. Pretende-se também reforçar os percursos existentes com terra batida, e realizar o tratamento necessário sobre o restauro dos azulejos, bustos, e estátuas existentes, de forma a reforçar e preservar a identidade do local.

O plano Diretor de Restauro também pretende efetuar o restauro da quinta histórica do Palácio de Estoi, sendo que para tal será necessário proceder a manutenção da vegetação existente e restaurar a restante área produtiva, muito danificada ao longo do tempo.

Para que tal será necessário restaurar novamente o carácter produtivo da quinta e reforçar os percursos existentes, assim como é proposto a criação de novos percursos interpretativos neste local histórico, de forma a poder dar a conhecer através de atividades recreativas a realizar, como visitas guiadas, recreações de época, dias festivos sobre a história do palácio, palestras e atividades em volta do tema jardins históricos, com possibilidade de realizar também atividades lúdicas sobre o espaço da quinta produtiva.

A proposta incide também sobre a área das hortas agrícolas, espaços estes localizados perto das antigas cavaliças. A proposta pretende restaurar os pomares existentes e aumentar o seu carácter produtivo, de forma a aproximar ao aspeto antigo da quinta.

É proposto também neste trabalho a implementação de novos percursos interpretativos sobre os diferentes espaços, com novas áreas de estadia associadas a estes percursos, Pretende-se também através da proposta apresentada que o Palácio e Quinta de Estoi funcione futuramente também integrado num sistema de atividades culturais e de visitas guiadas, de forma a estudar a sua história.

Este espaço permite também aos seus utilizadores observar a história, técnicas, vegetação, técnicas ligadas a agricultura e ainda usufruir de áreas recreativas, ao mesmo tempo que é possível de interpretar o local e ficar a conhecer mais sobre este local

—
histórico. Pretende-se também através da proposta permitir aos utilizadores contemplar o sistema hidráulico presente na área da quinta de recreio, composta por diversos tanques antigos e ver de perto como era feita a utilização deste sistema histórico e as suas especificidades.

O plano Diretor de Restauro pretende também proceder ao restauro do equipamento afeto ao Coreto e de toda a sua área envolvente, de forma a restaurar este local, para poder funcionar em atividades recreativas e assim utilizado para eventos como concertos, palestras, sessões de leitura, workshops. Para este local pretende-se também restaurar o pavimento neste local, e proceder restauro da vegetação e ciprestes, de forma a restaurar as características deste espaço, e procurar adaptar ao período contemporâneo.

Conclusões

Através da elaboração desta dissertação foi possível analisar a quinta histórica do Palácio de Estoi, o jardim de maior valor na região do Algarve, espaço único, resultado também da importância dos seus diferentes proprietários e as alterações que promoveram na área de intervenção ao longo do tempo até a atualidade.

As características deste espaço que são valores muito importantes que devem ser perpetuados, sendo um vestígio único pertencentes ao período barroco, e da influência dos jardins do Palácio Nacional de Queluz. A concretização do Plano Diretor de Restauro pretende assim, desta forma, contribuir para uma futura intervenção a realizar na quinta histórica do Palácio de Estoi, de acordo com uma visão da área da Arquitetura Paisagista, e valorizar os jardins históricos como locais muito importantes, para as gerações futuras, que deve ser preservado para as gerações futuras, de forma a compreender a história e evolução deste espaço ao longo do tempo.

Com esta dissertação, pretende-se também aumentar a discussão pública sobre a temática dos jardins históricos em Portugal e a importância das quintas de recreio. Para que desta forma possa existir uma maior preocupação por parte da sociedade sobre este tipo de espaços históricos e potenciar o desenvolvimento de novas intervenções sobre estes espaços, muitas vezes abandonadas ou degradadas, sem ser alvo de intervenção, sendo que podem ser espaços utilizados em prol da população.

No entanto sempre haverá muito a realizar neste âmbito, este trabalho pretende ser um contributo para dar a História da Quinta do Palácio de Estoi, património paisagístico único na região do Algarve e em Portugal.

–
Bibliografia

AA. VV. – **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira**. Lisboa e Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 1935-1960.

AFONSO, S. L.; DELAFORCE, A. – **Palácio de Queluz: jardins**. Lisboa: Quetzal, D. L., 1989.

ALMEIDA, C.; Mendonça, J. J. L.; Jesus, M. R.; Gomes, A. J.- **Sistema de Aquíferos de Portugal Continental** - Sistema Aquífero: Campina de Faro (M12), 2000.

AÑÓN, Carmen – **El jardín Histórico: Notas para una Metodología Previa al Proyecto de Recuperación**. Madrid: Journal Scientifique ICOMOS, 1993.

ARAÚJO, Ilídio Alves de – **Arte Paisagista e Arte dos Jardins em Portugal**. Lisboa: Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, 1962.

ARAÚJO, Ilídio Alves de; (1974). “**Quintas de Recreio (Breve introdução ao seu estudo, com especial consideração das que em Portugal foram ordenadas durante o século XVIII)**”. In separata da revista Bracara Augusta, volume XXVII, fascículo 63 (75), Braga, 1974.

AZAMBUJA, Sónia Talhé – **A Iconografia da Natureza e da Paisagem na Pintura Portuguesa dos Séculos XV e XVI. Imagens e Significados**. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arte, Património e Restauro, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vols. Lisboa: [s.n], 2015 [texto policopiado].

BARBOSA, I. V. – *Fragmentos de um roteiro de Lisboa inédito: arrabaldes de Lisboa*. Archivo Pittoresco. Lisboa: Castro Irmão e Companhia, 1863. Vol. 6. P. 241-243.

BATISTA, Desidério Sares – **Para um plano de intervenção e gestão do jardim do palácio de Estoi**. Trabalho realizado para as disciplinas de Patologia, reabilitação e manutenção de materiais vivos, e de Metodologia de reabilitação da paisagem histórica, do Mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico apresentado à Universidade de Évora, Évora, 1995.

BIRNBAUM, Charles A.; Peters, Christine Capella, (ed.) – **The Secretary of the Interior’s Standards for the Treatment of Historic Properties with Guidelines for the Treatment of Cultural Landscapes**. Washington, D.C.: Dept. of the Interior, National Park Service, Cultural Resources, Preservation Assistance Division, Historic Landscape Initiative, 1996.

CARITA, H. – **Tratado da grandeza dos jardins em Portugal: ou da originalidade e desaires desta arte**. [2ª edição] Venda Nova: Bertrand Editora, 1998.

–
CASTEL-BRANCO, Cristina – **Jardins dos Vice Reis Fronteira**. Lisboa: Oceanos, 2008. Castel-Branco, Cristina (coord.) – **Necessidades: Jardins e Cerca**. Lisboa: Livros Horizonte/Jardim Botânico da Ajuda, 2001.

CASTEL-BRANCO, Cristina; (coord.) – **Jardins com História: Poesia atrás de muros**. Lisboa: Edições INAPA. 2002.

CASTEL-BRANCO, Cristina; (coord.). **A água nos Jardins Portugueses**. Lisboa: Scribe. 2010.

CASTEL-BRANCO, Cristina (coord.) – **Jardim Botânico da Ajuda**. Lisboa: Jardim Botânico da Ajuda, 1999.

CASTEL-BRANCO, Cristina (coord.) – **Necessidades: Jardins e Cerca**. Lisboa: Livros

CEREJEIRO, João; (1994). **O Jardim de Estoi ou o romantismo na paisagem**, In Monumentos; Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. 1999.

CHAROLA, A. E; RODRIGUES, J. D. – *Os jardins do Palácio Nacional de Queluz: intervenção de conservação*. [S.I.] Associação World Monuments Fund Portugal e World Monuments Fund, 2012.

CÔRTE-REAL, Miguel Maria Telles Moniz, **Fidalgos de Cota de Armas do Algarve**, Lisboa, 2003.

FARIA, J. R.; Almeida, M. J. R.; Godinho, S.; Machado, M. S.- **O Clima de Portugal, Estudo hidroclimatológico da região do Algarve**. Lisboa: Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica, 1981.

FERNANDES, Maria. **O Palácio de Estoi; Projecto de Recuperação e adaptação à residência oficial**, In Monumentos: Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, Lisboa, Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.1994.

GIL, Júlio – **Os mais belos Palácios de Portugal** . Verbo.

ICOMOS – **Internationals Charters for the Conservation and Restoration**. Paris: ICOMOS, s.d.

HORTA-CORREIA, José – **“O Palácio de Estoi, obra de Manuel Caetano de Sousa?”** – Anais do Município de Faro, Vols, XXXVIII – 2016.

–
JELLICOE, Geoffrey & Susan (199); **The Landscape of man: shaping the environment from prehistory to the presente day**, Thames and Hudson, London.

JELLICOE, Geoffrey; Jellicoe, Susan – **The Landscape of man: shaping the environment from prehistory to the present day**. London: Thames and Hudson, 1995.

KOPP, Erwin- **Os solos do Algarve e as suas características**. Faro: Direcção Regional de Agricultura do Algarve, 1989.

LAMEIRA, Francisco; **Contribuições para o estudo setecentista algarvia**; a Quinta de Estoi, Monumentos, 22, DGEMN ed. Lit., Lisboa, (2005).

LAMEIRA, Francisco. **Contribuições para o estudo da escultura oitocentista algarvia, imaginária, mobiliário, talha e estuque do Palácio de Estoi**, 1992.

LAMEIRA, Francisco; **Edificações Notáveis de Faro**. Direcção Geral Património Cultural, Faro, 1995.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito – **Património Arquitectónico e Arqueológico. Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

LOUREIRO, João Mimoso- **Monografia Hidrológica do Algarve**. Faro: Universidade do Algarve.

MASCARENHAS, Maria José Jesuíno – **Análise Comparativa entre Metodologias de Restauro de Jardins e Sítios Históricos praticados na Holanda e em Portugal**.

Relatório de trabalho de fim de curso da licenciatura em Arquitetura Paisagista, apresentado à FERN da Universidade do Algarve. Faro: [s.n.], 2007 [texto policopiado].

MARREIROS, Glória Maria- **Quem foi quem: 200 algarvios do século XX**. Lisboa: Colibri, 2000.

MESQUITA, José Carlos Vilhena. **O Palácio de Estoi, Subsídios para a sua história**. 1982.

MESQUITA, José Carlos Vilhena. **O Palácio de Estoi: uma visão do passado numa perspectiva de futuro**, 5º congresso do Algarve, Vol. 1, Racal Clube de Silves. 1988.

MITCHELL, Nora; Rössler, Mechtild; Tricaud, Pierre-Marie (ed.) – **World Heritage Cultural Landscapes. A Handbook for Conservation and Management**. Paris: UNESCO World Heritage Centre, 2009.

—
MALOBBIA, Patrícia. **Estoi, identidade e transformação**. Faro: Câmara Municipal de Faro, 2009.

NOBRE, Glória Isabel Guerreiro; **Subsídios para o estudo do azulejo no palácio de Estoi**, Anais do Município de Faro, vols. XXIX/XXX. 1999/00, Faro.

NUNES, Joaquim António- **Júdice Fialho e a Evolução Histórica de Portimão**. Lisboa: Casa do Algarve, 1956.

OLIVEIRA, Ataíde; **Monografia de Estoi**, Temas e estudos algarvios. 1914.

RODRIGUES, José Delgado, A. Elena Charola; **Os Jardins do Palácio Nacional de Queluz: Intervenção de Conservação**. Associação World Monuments Fund Portugal, 2012.

SILVA, José – **Peritagem sobre o estado de conservação do Palácio de Estoi em Faro** – Escola Superior de Tecnologia de Tomar Centro de Estudos de Arte e Arqueologia. Tomar. 1989.

WATKINS, John; WRIGHT, Thomas – **The Management and Maintenance of Historic Parks, Gardens and Landscapes: The English Heritage Handbook**. Londres: Frances Lincoln, 2007.

VALE, A.; SEQUEIRA, M. J. – **Acompanhamento arqueológico da empreitada «Recuperação do sistema de abastecimento de água aos jardins do Palácio Nacional de Queluz»**. Queluz: 2.^a Campanha, 2006/2007.

Documentos eletrónicos

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico –

<http://www.igespar.pt/patrimonio/pesquisa/geral/benscomproteccaolegal/>

ICOMOS – International Council on Monuments and Sites

Todas as Cartas e outros documentos doutrinários adotados pelo ICOMOS.

www.icomos.org,

www.iflaonline.org

- Sistema de Informação para o Património Arquitetónico:

<http://www.monumentos.gov.pt/>

—

Outras fontes

- AZAMBUJA, Sónia Talhé – *Slides das Aulas de História da Arte dos Jardins I e II da licenciatura em Arquitetura Paisagista da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade do Algarve*. Faro: s.n., 2020 (não publicado).

- ANTT, D.P. Algarve, 516/63 fl. 13.

- Desembargo do Paço, Algarve, Mc. 504, n.º 86, fl sem número, ANTT.

- Cartório da Nobreza, Mc, 15, n.º 8. Fl, sem número, ANTT.

- A invasão de Junot no Algarve. Subsídios para a história da Guerra Peninsular 1808 – 1814. [S.L.], [s.n]

Anexo I – Carta de Solos

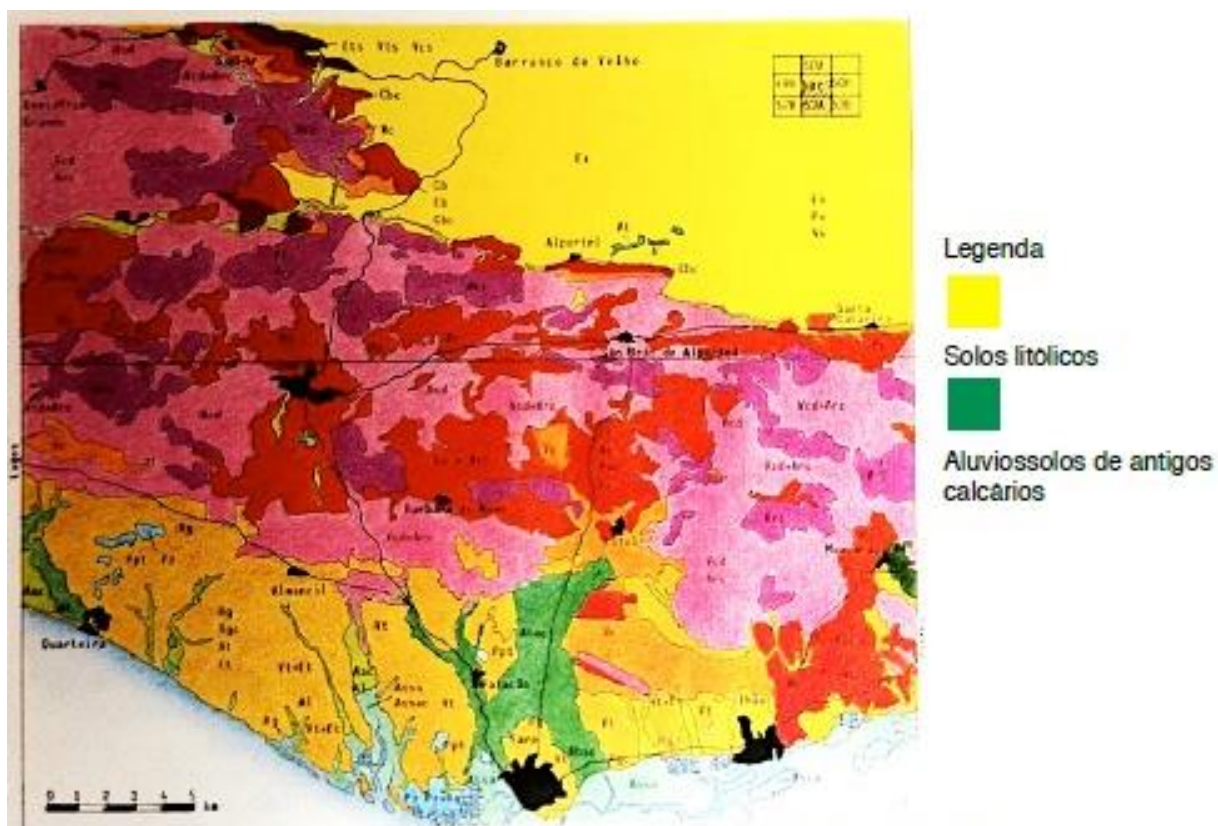


Figura 16 – Carta de solos do S.R.O.A Fonte: Kopp, Erwin – Os solos do Algarve e as suas características).

Anexo II – Imagem e legenda da carta do Palácio de Estoi, por volta de 1800, encontrada na Torre do Tombo, em Lisboa.

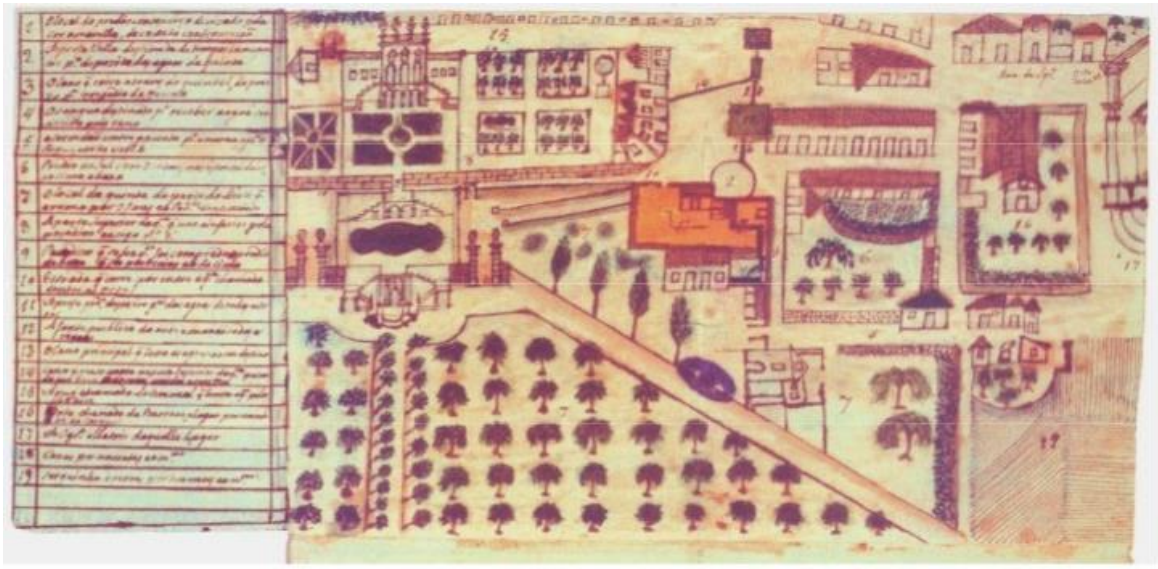


Figura 17 – Planta original do Palácio e Quinta de Estoi por volta de 1800. Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

- 1 – “O local do prédio contencioso devizado pela cor amarela, de exacta configuração.”
- 2 – “A presa velha destinada de tempos (...) p. “depozito das aguas da quinta.”
- 3 – “O cano que ocorre através do quintal da praça para regadio da quinta.”
- 4 – “O tanque destinado para receber agua conduzida pelo cano.”
- 5 – “A servidão entre a quinta p’a mesma ep.^a o lagar, costa velha.”
- 6 – “Prédio ao sul com 2 casas nas extremidades no cimo, baixo.”
- 7 – “O local da quinta de parte do Norte q. arruma por 2 fases do prédio contencioso.”
- 8 – “A parte superior daq. q. une o inferior pelo paçadino antigo n.º 9.”
- 9 – “Paçadino q. se fez q. foi comprado com prédio de baixo, q. foi posterior a de cima.”
- 10 – “Estrada q. corre por entre aq. chamada dentre as ortas.”
- 11 – “A praça grd. Deposito g. das aguas de todas as coisas.”
- 12 – “A fonte publica de onde emanão todas as aguas.”
- 13 – “O cano principal q. leva as aguas ao seu destino.”
- 14 – “Cano q. mete agua na parte superior daq. passando por baixo de canos unidos a mesma.”
- 15 – “A rua chamada do Carrascal q. limita aq. pelo Norte.”

—

16 – “Orta chamada da Barroca, lugar pertencente ao Coronel.”

17 – “As gr. Rurais daquele lugar.”

18 – “Casas pertencentes ao m.”

19 – “Serquinha e terras pertencentes ao m.”

- Lameira, Francisco, «Contributos para o estudo da arquitetura setecentista algarvia: a Quinta de Estoi.» Monumentos, DGEMN edit. Lit., 22, (2005).

—
Índices

Índice de Figuras

Figura 1 – Jardins do Palácio Nacional de Queluz em Lisboa. (Fonte: monumentos.pt)	20
Figura 2 – Plano dos Jardins do Palácio Nacional de Queluz, séc. XVIII, Biblioteca do Rio de Janeiro, Brasil (Fonte: monumentos.pt)	23
Figura 3 – Planta com as três fases principais da construção do Palácio Nacional de Queluz. (Fonte: monumentos.pt)	25
Figura 4 – Carta Geológica de Portugal. (Fonte: https://www.lneg.pt/ Autor)	27
Figura 5 – Pormenor do brasão de armas (Fonte: Monografia de Estoi)	35
Figura 6 – Fotografia publicada no jornal “O Algarve Ilustrado – 1 Novembro 1880”. (Fonte: O Algarve Ilustrado)	40
Figura 7 – Fotografia Palácio de Estoi (Fonte: Monumentos.pt)	45
Figura 8 – Faro, salão nobre da Câmara Municipal de Faro, Dezembro de 1987. Assinatura do protocolo de aquisição, para o município, do palácio e jardins do Visconde de Estoi. Na fotografia o presidente João Negrão Belo e D. Maria da Luz Melo Machado Bicker da Costa. (Fonte: Monografia de Estoi)	46
Figura 9 – Palácio de Estoi em 1997 (Fonte: monumentos.pt)	53
Figura 10 – Planta original do Palácio e Quinta de Estoi por volta de 1800. (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa)	63
Figura 11 – Fotografia Palácio de Estoi (Fonte: Monografia de Estoi)	64
Figura 12 – Fotografia Palácio de Estoi. (Fonte: Monografia de Estoi)	65
Figura 13 – Fotografia quinta do Palácio de Estoi. (Fonte: Autor)	68
Figura 14 – Fotografia quinta do Palácio de Estoi. (Fonte: Autor).....	69
Figura 15 – Fotografia quinta do Palácio de Estoi. (Fonte: Autor).....	70
Figura 16 – Anexo I – Carta de solos do S.R.O.A (Fonte: Kopp, Erwin, “Os solos do Algarve e as suas características).....	77
Figura 17 – Planta original do Palácio e Quinta de Estoi por volta de 1800. (Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa).....	78